

BIBLIOTECAS PÚBLICAS

AÇÕES, PROCESSOS E PERSPECTIVAS

COORDENADORIA DO SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS DE SÃO PAULO

sistema municipal de bibliotecas



Capa: biblioteca Akeu Amoroso Lima; biblioteca Camila Cerqueira César (foto Sylvia Masini); Núcleo Pé de Zamba no Ônibus-Biblioteca.



2012

Prefeitura do Município de São Paulo
GILBERTO KASSAB

Secretário Municipal de Cultura
CARLOS AUGUSTO MACHADO CALIL

Secretário Adjunto
JOSÉ ROBERTO SADEK

Chefe de Gabinete
PAULO RODRIGUES

Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas
MARIA ZENITA MONTEIRO

SÃO PAULO. Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas

Bibliotecas Públicas: ações, processos e perspectivas.
Coordenadoria do Sistema Municipal (Org). São Paulo: CSMB,
2012. 68 p.

1. Bibliotecas Públicas
2. Política Cultural
3. Gestão Pública I . Título II. Autores

BIBLIOTECAS PÚBLICAS
AÇÕES, PROCESSOS E PERSPECTIVAS
COORDENADORIA DO SISTEMA MUNICIPAL DE
BIBLIOTECAS DE SÃO PAULO

Uma discreta Revolução

Carlos Augusto Calil

A criação do Sistema Municipal de Bibliotecas, em 2005, cristalizando um processo de amadurecimento de anos, veio estabelecer as bases de um movimento de conscientização sobre o papel das bibliotecas públicas na selva da cidade.

De início, os ganhos foram decorrentes da racionalização dos meios e recursos. Os departamentos de Bibliotecas Públicas e de Bibliotecas Infantojuvenis foram fundidos, o catálogo e a metodologia, unificados, o contingente de pessoal passou a trabalhar junto, superando desconfianças e ressentimentos.

Com o retorno de todas as bibliotecas à Secretaria de Cultura, a malha física foi avaliada, e onde havia potencial de melhora, o investimento apareceu. São notáveis as obras de requalificação promovidas nas bibliotecas Alceu Amoroso Lima, Paulo Setúbal, Roberto Santos, Viriato Corrêa, José Mauro de Vasconcelos, Vicente Paulo Guimarães, Pedro Nava, Prefeito Prestes Maia, entre outras. Valorizada a arquitetura, com ambientes amigáveis, avançou-se sobre o urbanismo,

com visíveis ganhos no espaço público.

Numa estratégia que se revelou acertada, criaram-se as bibliotecas temáticas, vetores de atratividade na rede, que passaram a atuar como âncoras de programação e de divulgação de conteúdos.

Novo sistema de processamento de dados foi adotado e, no curso de pouco mais de 7 anos, 2,7 milhões de itens foram incorporados. Esses dados referentes ao acervo municipal estão disponíveis na *internet*. O usuário hoje pode se beneficiar das bibliotecas em rede, para retirada ou devolução de livros.

Na impossibilidade de construir novas bibliotecas em áreas carentes, por falta de recursos, criaram-se os Pontos de Leitura, minibibliotecas de 3 mil volumes, em parcerias com outras instâncias do poder público ou com instituições privadas. Dessa forma, quinze comunidades foram minimamente atendidas.

O programa dos Ônibus-biblioteca foi ampliado, mobilizando 12 unidades que atendem 72 roteiros diferentes em todos os quadrantes da cidade. Seus fiéis

usuários retiram 40 mil livros por mês. A leitura se tornou um hábito entre eles.

Novos Bosques de Leitura surgiram e hoje estão presentes em 13 parques da cidade. Em 10 deles, foram implantadas as Feiras de Trocas de Livros, com sucesso constante, estimulando o comércio informal entre leitores.

Nesta brochura, os depoimentos dos protagonistas dessa discreta revolução dão conta de temas essenciais, a partir de experiências valiosas. Alguns exemplos:

- As bibliotecas tiveram de se reinventar, descobrir seu novo papel social, pois deixaram de atuar como apoio escolar.

- A inserção no seu entorno dá a cada biblioteca uma identidade e um perfil próprios, que a singulariza no âmbito da rede.

- O processo de ressignificação das atividades de uma biblioteca pública passa pela consciência da função cultural da leitura literária, independente da educacional.

- O trabalho em rede e a mediação de leitura constituem a base solidária de uma estrutura de atuação cultural.

- A realização de fóruns periódicos esti-

mulou a motivação dos funcionários e ampliou seu repertório cultural.

- O investimento na formação do pessoal de apoio colabora na configuração de uma “inteligência coletiva” do grupo.

Constatou-se o efeito que a aquisição de livros novos e atraentes tem sobre os leitores jovens.

A leitura em voz alta, as rodas de leitura, os saraus e as atividades de contação de histórias são as âncoras de uma programação cultural que visa a “aprimorar as relações humanas pela mediação da leitura”. Essa programação pode proporcionar mesclas inusitadas como relacionar a literatura de Borges com a onda atual dos vampiros e o fenômeno Harry Potter.

A experiência acumulada no Sistema Municipal de Bibliotecas nos últimos anos conformou uma situação que aponta o caminho da superação progressiva do enorme déficit de leitura em São Paulo. Se não foi suficiente, foi certamente necessário.

ÍNDICE



08

Bibliotecas Públicas:
práticas, histórico e
perspectivas



16

Política de acervo, unificação
técnica e informatização das
Bibliotecas Públicas



24

Articulação em rede:
formas de pensar e agir
na comunidade



34

Contribuições ao processo de
construção de uma política
pública de acesso à leitura de
textos literários



46

Serviços de extensão: espaços
alternativos de cultura e leitura



52

Programação cultural em
Bibliotecas Públicas:
estruturação, investimento e
ampliação



foto Sylvia Masini

Bibliotecas Públicas: práticas, histórico e perspectivas

Maria Zenita Monteiro*

Neste texto, exponho as mudanças por que passaram nos últimos anos as bibliotecas públicas municipais de São Paulo, as propostas para a implantação de uma política do livro e leitura e que biblioteca pública estamos construindo.

Na Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas – CSMB, trabalhamos com a perspectiva de implementar políticas públicas dedicadas ao livro e à leitura, entendendo políticas públicas como:

[...] estratégias que servem para mudanças sociais que têm como princípio a igualdade social, sendo, portanto, um processo dinâmico, permanente e contínuo, contraditório, fruto geralmente da ação e/ou posição de vários movimentos sociais, que se traduz em ações que têm por finalidade produzir impacto direto sobre o bem-estar dos cidadãos. A filosofia do trabalho desenvolvido pelas bibliotecas está fundamentada na democratização e socialização do saber, favorecendo aos indivíduos a descoberta do mundo da escrita para que possam tomar decisões com vistas à transformação da sociedade.¹

No entanto, como observa Maria M. Ferreira, “nem sempre o Estado e, conseqüentemente, as bibliotecas públicas estiveram cientes desse papel, se distanciando da grande maioria daqueles que dela deveriam usufruir – a sociedade como um todo – e criando uma dicotomia entre biblioteca e sociedade”.²

A partir das décadas de 1980 e 90, começou a discussão sobre políticas de leitura como leitura acessível a todos, em que as bibliotecas públicas eram um elemento fundamental.

Segundo o Ministério da Cultura da França, as bibliotecas municipais modernizaram-se, principalmente nos últimos 25 anos, para cumprir sua função de lugares públicos de leitura, de integração social e exercício de cidadania, já que oferecem acesso a informação e lazer a todo tipo de pessoa.

Entre as minhas leituras sobre a concepção das bibliotecas públicas na atualidade, encontrei textos bastante signi-

* **Maria Zenita Monteiro** é bibliotecária, formada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e especializada em Ação Cultural na ECA-USP. Entrou na Secretaria Municipal de Cultura – SMC em 1977 e, desde 2005, coordena o Sistema Municipal de Bibliotecas – SMB da cidade de São Paulo.

¹ FERREIRA, Maria Mary. Políticas públicas de informação e políticas culturais. *Transformação*, Campinas, v. 18, n. 2, p. 113-122, mai./ago. 2006.

² FERREIRA, Maria Mary. Políticas públicas de informação e políticas culturais. *Transformação*, Campinas, v. 18, n. 2, p. 113-122, mai./ago. 2006.

ficativos e cito aquele com que mais me identifiquei, que é da região de Vila Viçosa em Portugal:

Eixos do novo modelo de biblioteca

- Polivalência que assente, antes de mais nada, na multiplicação de espaços de diferentes funções e por vezes com públicos específicos: auditório, bar, espaço infantil, espaço para adultos etc.;
- Divulgação e animação cultural assumindo seu papel de mediação e de aproximação a todos os públicos mediante a proliferação de iniciativas, direta ou indiretamente relacionadas com o livro (leituras dramatizadas, debates e conferências com escritores, feiras de livros etc.);
- Estratégias de democratização cultural baseadas no princípio de que a lógica prioritária é a de servir aos interesses das pessoas, e não o das instituições ou dos objetos, com reflexo de livre acesso a qualquer publicação ou documento, na multiplicação de serviços e, ainda, na diversidade de gêneros literários e de suportes;
- Estabelecimento de redes de contato e parcerias (que procuramos fazer hoje nas nossas bibliotecas) de forma a estimular o intercâmbio e a abertura ao exterior, possibilitando a circulação de informação e a co-organização de iniciativas;
- Promoção de inclusão social;
- Espaços de liberdade porque se destinam a todos, apenas com o mínimo de restrições, que se assumem como centros culturais.³

Voltando à questão da leitura nas bibliotecas públicas de São Paulo, é preciso antes contextualizá-la.

Em 1975, foram criados os Departamentos de Bibliotecas Públicas e o

de Bibliotecas Infantojuvenis da Secretaria Municipal de Cultura. Inicialmente, as bibliotecas, sobretudo as infantojuvenis, foram concebidas como espaços de pesquisa e leitura, atuando também como pequenos centros culturais, com programação voltada para crianças e adultos. Assim, desenvolviam-se atividades como hora da estória, cinema, teatro, jogos, música, artes plásticas e brincadeiras nas infantojuvenis, além de conversas com escritores para crianças, jovens e adultos.

Entretanto, a prioridade era ao atendimento e à orientação à pesquisa escolar, como mostrava a compra de livros, cuja grande maioria visava atender alunos de ensino fundamental e médio. Também se compravam livros de literatura para crianças, jovens e adultos, mas muito menos; os maiores investimentos em acervo eram de livros didáticos de diferentes matérias escolares. As salas de “pesquisa” eram os maiores espaços das bibliotecas e com mais títulos e exemplares.

O número de estudantes que procuravam as bibliotecas era tão grande que os bibliotecários e demais funcionários não tinham tempo de orientar sua pesquisa no sentido mais amplo ou mesmo de ensinar-lhes coisas simples como, por exemplo, o que é e para serve o índice de um livro. Era preciso ser rápido: entender que assunto deveria ser pesquisado, procurar o(s) livro(s) na estante e o assunto no livro e entregar tudo bem demarcado, para que os usuários não errassem o que deveriam “copiar”. Reflexão ou compreensão não faziam parte desse tipo de pesquisa escolar.

Em salas menores, outros profis-

sionais davam um atendimento mais personalizado, orientando leitura, empréstimo de livros, encontro com escritores e atividades coletivas como cinema, música e teatro.

Havia dois departamentos de bibliotecas: as infantojuvenis, que atendiam crianças e jovens do ensino fundamental, e as públicas, que deveriam atender usuários a partir do ensino médio.

Daí até o início dos anos 1990, as bibliotecas públicas supriram assim a falta de bibliotecas escolares e eram procuradas principalmente por alunos de escolas públicas.

A partir de meados da década de 1990, o ensino sofreu grandes mudanças, e os governos passaram a comprar livros didáticos e a distribuí-los entre os alunos. E, com a popularização da *internet*, entre 1996 e 1997, abriram-se outras possibilidades para a pesquisa escolar. Antes dessas mudanças, porém, já nos perguntávamos o que seria das bibliotecas públicas quando não servissem mais para esses estudantes fazerem suas pesquisas escolares.

A tecnologia avança, as informações circulam mais depressa, mudam as formas de ensino, a sociedade passa por grandes transformações, mas as bibliotecas públicas não acompanham essas mudanças: continuam esperando que o público vá até elas e não mostram o que são.

Frente a isso, as bibliotecas passaram por uma crise de identidade. Deixaram de ser bibliotecas escolares para ser efetivamente bibliotecas públicas. Mas que biblioteca é essa, para que público e que tipo de acervo deve ter? Que atividades deve desenvolver? O que é promoção de leitura e de que leitura?

Em 2005, com a unificação dos departamentos de Bibliotecas Públicas e de Bibliotecas Infantojuvenis, criou-se o Sistema Municipal de Bibliotecas, proje-

to que já vinha sendo discutido havia muitos anos. Em função de seus acervos especializados, a Monteiro Lobato ficou sendo a única dedicada exclusivamente a criança e adolescentes, e a Mário de Andrade, a adultos. As demais bibliotecas passaram a atender e a receber livros para todas as faixas etárias.

Alem dessa crise de identidade, há que citar também a questão da formação dos funcionários das bibliotecas, que, acredito, reflete uma das questões fundamentais do ensino no Brasil, onde, até bem pouco tempo atrás, a leitura não tinha o caráter ou a importância que tem hoje. Era – e, em muitos casos, ainda é – ligada ao ensino, ao estudo ou ao dever, e não à fruição, ao gosto ou à própria vida.

Como mediar leitura ou desenvolver projetos de incentivo à leitura sem gostar de ler, sem saber ou conhecer o que existe nos livros e na biblioteca?

Acredito que, durante alguns anos, estivemos às voltas com essas questões sem conseguir respondê-las, mas passamos a trabalhar a partir delas, da crise de identidade e de propostas de transformação da biblioteca em lugar agradável de leitura, onde crianças, jovens e adultos pudessem entrar sem medo, ser bem recebidos, se sentir à vontade, usá-la como local de trabalho tranquilo e participar de programações.

Isso significava reafirmar a biblioteca pública como polo cultural e de incentivo ao gosto pela leitura – leitura como direito e, portanto, cidadania. Promover a leitura e formar leitores para a vida, fomentar a leitura e a escrita garantindo acesso à informação, ao conhecimento, à arte e ao lazer como elementos essenciais para melhorar a qualidade de vida da população. Há que ressaltar aqui que muitas vezes se contrapõe informação e leitura, mas, como diz Hilário Hernández,

³ PARTIDO SOCIALISTA DE VILA VIÇOSA. *Um novo conceito de biblioteca pública municipal*. Vila Viçosa, PT, ago. 2007. Disponível em: <http://www.psvvc.blogspot.com.br/2007_08_01_archive.html>. Acesso em: 12 nov. 2012.



foto Sylvia Masini

“cada vez é mais claro que não se pode pensar em uma Sociedade da Informação sem uma Sociedade Leitora e que é precisamente a leitura a prática cultural que permite aos cidadãos transformarem a informação em conhecimento, a chave dessa nova sociedade”.⁴

Esse é o desafio que enfrentamos agora: o de tornar as bibliotecas um espaço vital de mediação de leitura e aquisição de conhecimento, um espaço aberto e livre para a leitura.

É um momento de construção de uma política de leitura, de atendimento e de respeito ao público. Estamos aprendendo a fazer juntos, a discutir e conversar para chegar a um projeto comum de biblioteca pública, respeitando as diferenças entre os usuários e as da própria comunidade para executar bem a política pública. Trata-se de saber quem é essa comunidade, o que é para ela a biblioteca, o que planejar e com quem.

Agora, concebemos as bibliotecas públicas como espaços de fruição, pequenos centros culturais, ponto de encontro da comunidade e centros de leitura, especialmente da leitura literária; como espaços dinâmicos onde se conjuguem informação e cultura.

Iniciamos essas transformações com mudanças na compra de livros: destinamos 70% do orçamento à aquisição de obras de literatura para crianças, jovens e adultos e 30% à de livros de informação. Desde 2005, foram comprados 536.891

exemplares de 14.358 títulos, no valor de pouco mais de R\$ 11 milhões.

Também requalificamos os 41 prédios, adequando os espaços internos das bibliotecas, privilegiando a abertura e a conexão entre esses espaços, a compra de equipamento e de mobiliário novos (quando possível), a informatização do acervo das 53 bibliotecas ligadas diretamente à CSMB, a instalação de 26 Telecentros⁵ e a atualização de equipamentos de informática para acesso ao catálogo eletrônico e empréstimo de livros aos usuários.

Além da requalificação dos espaços e da infraestrutura, foram criados novos programas para ampliar a atuação das bibliotecas públicas e suprir sua ausência em grande parte da cidade: **Bibliotecas Temáticas**, que são bibliotecas de bairro redesenhadas com nova ambientação, respeitando a história e a vocação original de cada uma para oferecer acervo especializado e ampla programação cultural à população, sem deixar de ser também uma biblioteca pública; **Pontos de Leitura**, pequenas bibliotecas instaladas em parceria com outros órgãos da prefeitura ou instituições da sociedade civil, como necessidade de um maior número de bibliotecas públicas. Atualmente, existem 15 Pontos de Leitura, cada um com cerca de 3 mil exemplares; ampliação do programa Bosque da Leitura, que, aos domingos, oferece livros, jornais e revistas em 13 parques da cidade; ampliação do projeto

⁴ HERNÁNDEZ, Hilário. La lectura y información en las bibliotecas públicas. Fundación Germán Sánchez Ruipérez. Palestra proferida na conferência internacional comemorativa do bicentenário da biblioteca pública de Évora, out. 2005.

⁵ Telecentro é um programa da Secretaria Municipal de Participação e Parceria de inclusão digital que oferece acesso gratuito à internet e a ferramentas da informática. A SMPP instala em uma sala equipamentos de informática para acesso à internet, sendo quatro máquinas para uso livre e as demais para cursos oferecidos aos usuários.

Ônibus-biblioteca, que visa facilitar o acesso ao livro e à leitura, com prioridade às regiões mais periféricas da cidade e que não possuem nenhum equipamento cultural. Hoje, há 12 ônibus, que percorrem 72 roteiros semanais, de terça-feira a domingo.

Mas, como diz Silvia Castrillón, “a concepção legitimista de bibliotecas escolares – e por que não de bibliotecas públicas? –, em que a imagem idealizada de uma biblioteca sobre a formação de leitores e escritores em uma cultura escrita como a nossa, moderna, funcional, bem organizada e dotada com as últimas tecnologias de informação e de comunicação, esconde a concepção de desenvolvimento social como um problema de infraestrutura e de tecnologias”. Assim, a questão central é permitir a reflexão.

Agora, trata-se de manter nossos profissionais em formação constante, porque a nova fase exige novas habilidades. É preciso saber como trabalhar no espaço público, porque a formação técnica é sempre voltada para o privado.

Em sua grande maioria, as escolas de biblioteconomia não aprofundam a formação sobre bibliotecas públicas e muito menos sobre mediação de leitura. Formam especialistas em disseminação da informação e pouco estudam a questão da ação cultural. Não preparam os profissionais para atender essa demanda e, portanto, os que chegam às bibliotecas públicas devem repensar seu papel, aprender e procurar modos que os habilitem a atuar como mediadores de leitura.

É preciso incluir nessa formação profissional a gestão de políticas públicas de leitura e informação e a biblioteca pública hoje, bem como práticas de incentivo à leitura.

Um dos efeitos da formação praticada hoje e do funcionamento que ela enseja é a já mencionada confusão entre

informação e conhecimento. A chamada informação nos chega incessante e indiscriminadamente, e não temos tempo de digeri-la, de pensar sobre ela ou de saber como ela nos afeta.

Atrelada a essa *indigestão midiática*, a leitura vem sofrendo uma intensa individualização. O conhecimento passa a ser balizado antes pela quantidade de informações que se adquirem que pela experiência cotidiana e singular.

Esse processo de individualização típico do mundo contemporâneo atinge também a prática da leitura. Parar para ler um livro, discuti-lo e pensá-lo em conjunto é um hábito cada vez mais raro. Privilegia-se o indivíduo, em detrimento do coletivo.

Atualmente, não se procura formar leitores críticos, mas antes consumidores de imagens e de textos sintéticos, já digeridos por outrem.

Nesse sentido, as bibliotecas são espaços físicos que vão perdendo sentido no cenário atual. O que antes era um espaço privilegiado de leitura, de conhecimento e *de outros mundos literários* está agora esvaziado dessas potencialidades.

O que acontece com esses espaços? Por que estão cada vez mais vazios e desinteressantes para seus frequentadores? Como revitalizá-los? Como fazer com que o público se reaproprie do espaço das bibliotecas?

Procurando dar resposta a essas questões, vimos desenvolvendo a discussão e o aprendizado do trabalho em rede entre as bibliotecas, seus funcionários, a comunidade usuária dos serviços e outros tantos parceiros; nas conversas sobre o que são essas bibliotecas e quem é esse público, o que são e como podem ser cultivadas as práticas de leitura, temos visto mudanças mais profundas nas bibliotecas públicas. A mediação de leitura nos faz acreditar na biblioteca como um

espaço público de criação, educação e cultura. Entendemos que é preciso construir novas possibilidades de ocupação para funcionários e usuários, sobretudo no que tange ao incentivo à leitura. A ideia é democratizar as formas de utilização da biblioteca, privilegiando as práticas grupais como um dispositivo para a construção coletiva de um espaço de maior autonomia.

Insistimos em que uma ação cultural é sempre um processo de construção coletiva que se desenvolve e sustenta pela implicação de todos, a partir de seus diversos saberes. Em particular, a literatura é disparadora de novos modos de pensar e inventar a própria existência, contra os modos hegemônicos de ser e de viver, com caminhos já determinados, sem possibilidade de criação ou cidadania.

Assim, as práticas de leitura propostas nas bibliotecas hoje variam muito, de acordo com os profissionais que as conduzem, com a formação desses profissionais e com a interação de cada biblioteca com seu entorno. E essas práticas devem ser permanentemente aprimoradas e trabalhadas com o público, para fazer parte da vida de todos.

Em suma, a biblioteca pública que queremos e a forma de leitura que vimos propondo nas bibliotecas públicas municipais de São Paulo podem ser sintetizadas nas seguintes três citações:

[...] as *bibliotecas públicas* são hoje um dos equipamentos culturais mais estruturantes da vida dos municípios. Atualmente, falar de bibliotecas é falar do campo de batalha onde se trava o combate para o enraizamento dos hábitos de leitura. As Bibliotecas Públicas assumem-se como verdadeiros centros culturais devido à polivalência dos espaços e a atração que os serviços oferecidos exercem sobre os cidadãos – afetam melhorando a qualidade de vida das pessoas.⁶

É improvável que a minha vida individual, em tão poucos anos, possa ter tanta riqueza quanto a soma de vidas representada pelos livros. Não se trata de substituir a experiência pela literatura, mas de multiplicar uma pela outra. Não lemos para nos tornar especialistas em teoria literária, mas para aprender mais sobre a existência humana. Quando lemos, nos tornamos antes de qualquer coisa especialistas em vida. Adquirimos uma riqueza que não está apenas no acesso às ideias, mas também no conhecimento do ser humano em toda a sua diversidade.⁷

[...] Mas antes de continuar, deixe-me dizer-lhe que a pergunta pressupõe que ler-escrever não é viver; mas acho que é viver, sim, e muito, de uma forma muito intensa. Ler e viver [*sic*] são experiências de vida claramente, e experiências humanas. Não são experiências de extraterrestre ou exteriores à vida. Não saímos da vida para ir ler e depois voltamos. Não sei, por exemplo, se é possível hierarquizar a experiência de fazer uma viagem importante e a experiência de ler um livro como *O homem sem qualidades*, de Musil, ou *Os irmãos Karamazov*, de Dostoiivski. São coisas diferentes, mas ambas fortes.⁸

⁶ PARTIDO SOCIALISTA DE VILA VIÇOSA, op. cit.

⁷ TODOROV, Tzvetan. Entrevista concedida a Anna Carolina Mello e André Nigri. Revista Bravo, fev. 2010. Disponível em: <<http://bravonline.abril.com.br/materia/tzvetan-todorov-literatura-nao-teoria-paixao>>. Acesso em: 25 out. 2012.

⁸ Gonçalves M. Tavares. Entrevista concedida a Joca Terron. Revista Entrelivros, n. 29, set. 2007. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/entrelivros/artigos/entrevista_goncalo_m_tavares_ler_para_ter_lucidez_2.html>. Acesso em: 25 out. 2012. [Em resposta à pergunta “E havia tempo para viver? Como você concilia o mergulho na escrita com o convívio com os seus?”]



foto Fernanda Verzinhasse

Política de acervo, unificação técnica e informatização das Bibliotecas Públicas

Arlete Martins Benatti e
Denise Mancera Salgado*

Após a reestruturação da Secretaria Municipal de Cultura – SMC e a criação do Sistema Municipal de Bibliotecas – SMB, as bibliotecas públicas e as infanto-juvenis deixaram de ter públicos específicos por faixa etária e passaram a atender usuários/cidadãos de todas as idades, fazendo-se necessária uma requalificação dos acervos. Assim, desde 2007, as Unidades da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas – CSMB começaram a receber material bibliográfico para todos os públicos, ou seja, livros, periódicos e outros materiais para adultos, jovens e crianças.

A partir da expansão dos Programas Governamentais de Livros Didáticos para alunos de escolas públicas, a Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas – CSMB, que antes oferecia livros didáticos para apoio ao estudante de ensino fundamental e médio, não precisava mais adquirir esse acervo e passou a investir uma parcela maior do orçamento em livros de literatura. Até então, a porcentagem para a compra de material bibliográfico girava em torno de 50% para livros didáticos, de informação e de referência e 50% para literatura.

* **Arlete Martins Benatti** é formada em Biblioteconomia pela Fesp-SP. Trabalha na SMC há onze anos e responde pela Coordenação de Informática da CSMB desde 2009.

* **Denise Mancera Salgado** é formada em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina e pós-graduada em Gerência de Sistemas e Serviços de Informação pela Fesp-SP. É diretora da Divisão de Desenvolvimento de Coleções e Tratamento da Informação da CSMB desde 2009.

Desde 2009, a política de acervo tem se pautado nas seguintes proporções: 70% das compras são de livros de literatura (ficcionais) e 30%, de informação e referência (artes, história e filosofia etc.).

Outro importante mecanismo para o desenvolvimento do acervo das Unidades de CSMB é a captação de doações em instituições públicas e privadas de livros, periódicos e outros materiais bibliográficos que não estão à venda no mercado editorial, bem como de publicações editadas por leis de incentivo cultural.

Conforme o Manifesto da Ifla/Unesco, a biblioteca pública “é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus usuários o conhecimento e a informação de todos os gêneros”.⁹

Assim, é uma constante na política de acervo das nossas Unidades buscar recursos que favoreçam a diversidade cultural, bem como as necessidades de educação, informação, tempo livre e aperfeiçoamento pessoal.

Regida pelos princípios citados, a política de acervo procura equilibrar as coleções pautando seu crescimento na qualidade do material incorporado. A seleção de material bibliográfico é uma das funções mais importantes da biblioteca, pois compõe um acervo sempre compatível com as necessidades e os interesses da comunidade.

Segundo as Diretrizes da Ifla para bibliotecas públicas, uma coleção de boa qualidade, ainda que pequena, será mais útil que outra maior, que tenha muitos livros velhos, danificados ou antiquados.

Nenhuma das atividades ligadas ao desenvolvimento de coleções pode ser vista isoladamente, pois elas perfazem um todo. Nessa perspectiva, os critérios para a seleção de material bibliográfico está em consonância com as diretrizes da política cultural da SMC.

Um dos primeiros critérios para selecionar material bibliográfico é exposto no Manifesto da Ifla/Unesco: “as coleções e os serviços devem ser isentos de qualquer forma de censura ideológica, política ou religiosa e de pressões comerciais”.

A censura é um dos grandes problemas da seleção de material bibliográfico, pois o repertório de conhecimentos e valores das pessoas responsáveis acaba interferindo no processo, e a formalização, através de um documento administrativo, dos critérios e fatores a serem considerados nessa seleção foi importante para moderar e controlar essas interferências.

Os princípios básicos para o estabelecimento dessas diretrizes respeitam à qualidade do acervo, à sua adequação a todos os públicos e às necessidades específicas de cada Unidade, sendo estas definidas pelo público que a frequenta ou pelo público que queremos atingir.

Para contemplar as demandas existentes e desejáveis, deve-se primar pela qualidade do acervo, considerar a diversidade cultural, política, econômica e filosófica e avaliar a adequação do material às necessidades da comunidade. “A cultura da comunidade local e da sociedade devem refletir-se nos acervos”. A biblioteca pública também deve ampliar e acompa-

⁹ FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS. *Manifesto da Ifla/Unesco sobre bibliotecas públicas 1994*. [S.l.]: Ifla, 1994. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2011. Todas as citações feitas neste tópico provêm do referido texto.

nhar a coleção referente à história local de modo a torná-la útil e acessível à comunidade.

Para isso, é preciso uma análise cuidadosa do acervo, que identifique seus pontos fortes e fracos e o conhecimento dos recursos informacionais das demais bibliotecas do SMB, favorecendo o atendimento eficaz da comunidade. Essa análise deve considerar ainda o espaço físico, o índice de deterioração dos materiais, o índice de perdas, a necessidade de repo-

sição do acervo e o aumento do número de exemplares de alguns títulos.

De 2009 a 2012, houve um grande incremento na aquisição de material bibliográfico para as Unidades da CSMB, tanto por compra como por doação. Havia no período cerca de R\$ 7,6 milhões para a compra de livros e R\$ 1,6 para periódicos, com que se adquiriram, respectivamente, 8.342 títulos em 353.329 exemplares e 132 títulos em 9.211 assinaturas.

LIVROS ADQUIRIDOS DE 2009 A 2012

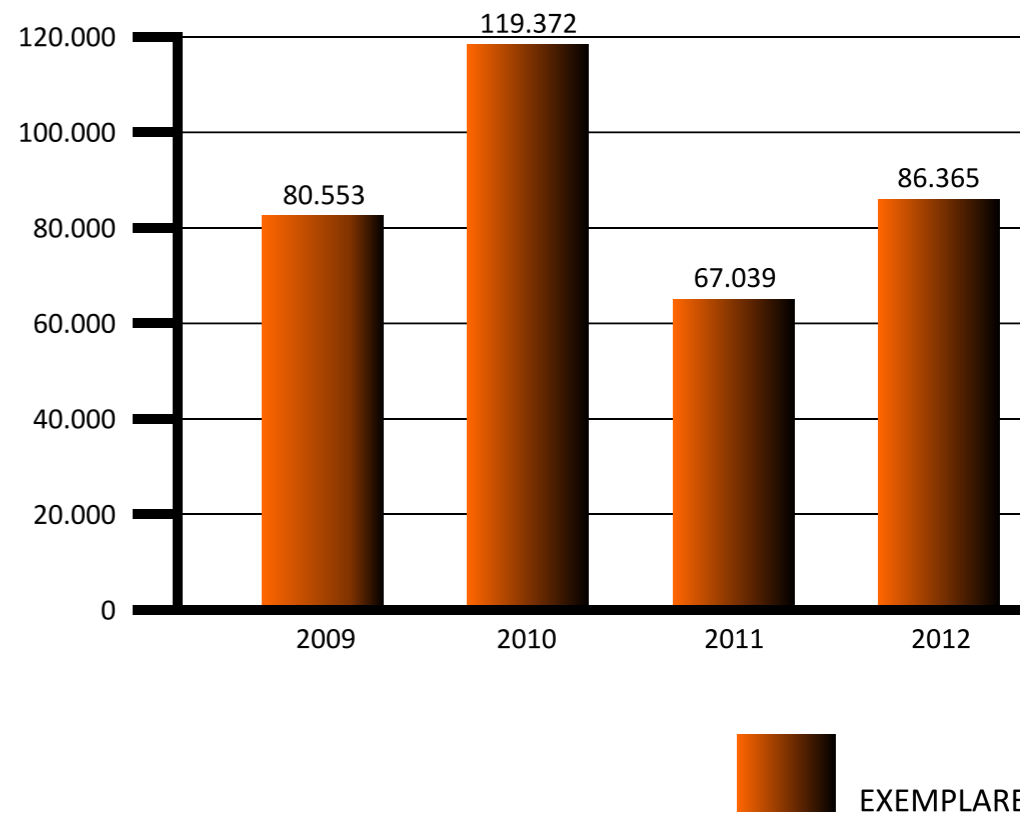




foto Fernanda Verzinhasse

Para dar conhecimento e ampliar a divulgação dos acervos das bibliotecas ao público, em 1982 teve início a informatização desses acervos, com a aquisição do *software* Dobis/Libis e a inserção das aquisições efetuadas a partir daquele ano para as bibliotecas públicas, as do Centro Cultural São Paulo e a Mário de Andrade. Dez anos depois, também a rede de bibliotecas infantojuvenis e o Departamento de Patrimônio Histórico passaram a usar o sistema.

Embora a informatização das bibliotecas tenha começado há tanto tempo, seu desenvolvimento foi prejudicado ora por problemas de *software*, ora por limitações de *hardware*, ora por questões ligadas a recursos humanos e/ou materiais. Assim, 25 anos mais tarde, a informatização era apenas parcial e limitada.

O projeto de informatização retrospectiva dos acervos foi iniciado em 2005, com a unificação dos Departamentos de Bibliotecas Infantojuvenis e de Bibliotecas Públicas. A reunião dessas Unidades em um único sistema possibilitou a compatibilização de procedimentos, a racionalização dos serviços, um melhor aproveitamento dos recursos humanos e a readequação do espaço físico, estabelecendo uma linha de ação única e articulada.

Apesar da adoção de padrões internacionais para o processamento técnico, os Departamentos usavam tabelas distintas. Em 2004, com a criação das bibliotecas dos CEUs, houve uma primeira tentativa de unificação do processamento técnico dos dois Departamentos, que procurou mesclar os padrões adotados, mas não teve resultados efetivos. Isso só foi possível com a criação do SMB, com a descentralização do tratamento da informação e a criação de vários núcleos de processamento técnico: Biblioteca Mário de Andrade, Biblioteca Monteiro Lobato e Centro Cultural São Paulo.

Após várias reuniões entre as equipes técnicas, a classificação foi padronizada pela 21ª edição da CDD – Classificação Decimal de Dewey. Os cabeçalhos de assuntos, por sua vez, foram padronizados segundo a Library Congress Subject Headings (LCSH, 23ª edição). E, para facilitar sua montagem no processamento técnico descentralizado e sua leitura e interpretação por parte do usuário, simplificou-se também o número de chamada, fazendo a notação de autor pela tabela Cutter Sanborn Three Figure.

Essa unificação permitiu classificar obras do mesmo assunto na mesma categoria, apresentando ordenadamente todos os assuntos disponíveis no acervo e suas relações entre si, permitindo a recuperação rápida e eficiente de informações.

Após a definição dos novos procedimentos, concluída em 2006, criou-se uma metodologia e se desenvolveu um manual de procedimentos para correção e atualização das informações já existentes no banco de dados, visando:

- evitar a duplicação de dados no sistema;
- facilitar a recuperação de informações na base de dados tanto para os usuários internos como para os externos;
- otimizar recursos humanos e materiais;
- padronizar e normalizar a base de dados por padrões técnicos internacionais.

Para obter a consistência planejada, fizemos várias correções durante o processo. Sempre com vistas a atender às necessidades de usuários internos e externos, essas mudanças permitiram organizar melhor o acervo nas estantes e, portanto, encontrar as publicações.

A descentralização do processamento técnico também propiciou uma comunicação mais eficaz e a integração entre todas as unidades do SMB, favorecendo a busca de melhorias e a troca de informações e conhecimento. O enfoque no usuário tem motivado e sido a tônica de todas

as decisões e mudanças geradas ao longo do tempo, e o mesmo enfoque determina que essas mudanças devam ser constantes e sempre aperfeiçoadas.

Para mantermos a padronização e a unidade entre os núcleos no processo de catalogação, criou-se a Comissão de Padronização do Tratamento da Informação do Sistema Municipal de Bibliotecas, que, além de unificar e padronizar os procedimentos, assegura o uso de normas de catalogação e classificação e do sistema informatizado de gerenciamento de bibliotecas das Unidades que compõem o SMB.

Essa Comissão se reúne bimestralmente e tem as atribuições de:

- uniformizar:
 - tabelas;
 - normas e padrões técnicos para catalogação, classificação e indexação de assuntos;
- padronizar:
 - procedimentos para catalogação e indexação de assuntos;
- tomar decisões e adotar medidas quanto a:
 - modificações e atualização de procedimentos;
 - uso de normas para catalogação, classificação e indexação de assuntos.

No mesmo período, adotou-se o sistema de gerenciamento de acervos Alexandria On Line em lugar do Dobis/Libis. Essa substituição representou um avanço tecnológico, uma vez que o antigo *software* rodava em computadores de grande porte, com processamento centralizado e alto custo, e a Prodam já vinha estudando a troca de plataforma em toda a Prefeitura, o que de fato ocorreu. Além disso, as interfaces não eram amigáveis, a documentação estava incompleta, não havia pessoal especializado para manipulá-lo e a versão estava desatualizada.

O *software* Alexandria On Line foi doado à PMSP em 2003 e, em 2004, migraram-se para ele os dados do Dobis, e essa migração trouxe algumas dificulda-

des; por exemplo, alguns registros apresentaram falhas e outros simplesmente não foram exportados.

Por conta desses problemas, tomaram-se várias providências para correção dos registros. Em primeiro lugar, validaram-se os dados revisando cada título e criando um número de chamada padrão para todas as bibliotecas. Ao mesmo tempo, as bibliotecas verificaram o acervo, retirando material deteriorado ou desatualizado.

Entre 2005 e 2007, foram informatizadas quatro bibliotecas, num projeto piloto com recursos materiais e humanos da CSMB: a Seção Circulante da Biblioteca Mário de Andrade, a Biblioteca Monteiro Lobato, a Biblioteca Alceu Amoroso Lima e a Biblioteca Anne Frank.

A catalogação retrospectiva foi feita com o exemplar da obra em mãos para inserção no sistema, resultando também num inventário do acervo de cada biblioteca informatizada.

Durante os trabalhos no projeto piloto, definiram-se procedimentos que permitiam a contratação de uma empresa especializada para inserir, validar e etiquetar os exemplares nas bibliotecas.

Entre dezembro de 2007 e dezembro de 2008, por meio da contratação de empresa por licitação pública, informatizaram-se 13 bibliotecas, e do mesmo modo, de 2009 a 2011, outras 37.

Hoje, o acervo de todas as Unidades da CMSB está informatizado, exceto o dos ônibus-biblioteca, que vem sendo informatizado num projeto com recursos materiais e humanos da própria Coordenadoria. O banco de dados tem atualmente cerca de 2.703.482 exemplares e 308.083 títulos.

O sistema Alexandria integra e automatiza as funções da biblioteca: catalogação, circulação, pesquisa, controle de periódicos, gerenciamento e relatórios es-

tatísticos e de controle. Para atender às especificidades da área, o sistema é compatível com padrões internacionais da biblioteconomia – AACR2 e de automação de bibliotecas – Marc21.

No endereço www.bibliotecas.sp.gov.br, os usuários podem consultar o catálogo *on-line* e fazer pesquisas no banco de dados a partir de qualquer computador com acesso à *internet*. O sistema informa se a publicação pode ser encontrada, em que bibliotecas e se está disponível para empréstimo.

Além da facilidade de acesso, a informatização de todas as bibliotecas permitiu o uso do módulo de circulação do Alexandria, com empréstimo e cadastro único de usuários da rede. Assim, o serviço é agora mais fácil e rápido para os munícipes, e o controle do acervo, mais eficaz.

Investiram-se na implantação do projeto de informatização retrospectiva do acervo R\$ 4.634.524,00, dos quais R\$ 776.423,00 foram gastos com equipa-

mentos de informática (computadores, impressoras, *switches*, leitores de códigos de barras etc.). Com a informatização das bibliotecas, foi preciso aumentar o número de máquinas e substituir as que estavam obsoletas e sem condições de uso. Atualmente, cada biblioteca tem pelo menos dois computadores no atendimento (para matrícula do usuário, empréstimo e consulta ao catálogo *on-line*) e um para uso administrativo. Algumas têm também um para inserir exemplares, uma vez que esse serviço foi descentralizado.

Com a informatização do acervo das bibliotecas públicas da cidade de São Paulo, podem-se usar as funções de gerenciamento do *software*; por exemplo, os relatórios estatísticos e de controle, cuja análise permite conhecer melhor o usuário que frequenta as bibliotecas e, assim, tomar decisões mais adequadas às suas necessidades, seja na aquisição de acervo ou na oferta de serviços e de programação cultural.



Articulações em rede: formas de pensar e agir em comunidade

Glauco Soto de Souza*

Rede é um sistema de nós interligados. E os nós são, em linguagem formal, os pontos onde a curva se intersecta a si própria. As redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objetivos de performance para a rede.

Manuel Castells

NARRATIVA DO PROCESSO

Em abril de 2010, a Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas – CSMB me convidou para desenvolver uma série de ações de suporte a todas as bibliotecas públicas da cidade de São Paulo, para uma maior articulação entre os serviços dessas bibliotecas e a comunidade usuária.

A proposta era da atual coordenadora, Maria Zenita Monteiro, que pensava que era preciso desenvolver uma rede de trabalho que fortalecesse o gosto pela leitura. Na ocasião do convite, em função do significativo aprimoramento

por que tinham passado as bibliotecas da cidade, pretendia-se também estreitar a relação do cidadão com esse espaço público e torná-lo uma construção pessoal e coletiva.

O tamanho da cidade e o total de Unidades – 53 bibliotecas, 12 ônibus-biblioteca, 13 bosques e 15 pontos de leitura – já anunciavam a envergadura da empreitada: tratava-se de uma mobilização pública, um processo que exigiria formação e estruturas institucionais capazes de operar uma lógica participativa em diferentes camadas do ambiente de cada Unidade.

* **Glauco Soto de Souza** é formado em Psicologia e tem especialização em Educação pela Universidade São Marcos. Desde 1998, coordena projetos da área social em equipamentos públicos municipais ou estaduais.

Redes de articulação são expressões naturais do exercício público e coletivo. Toda intervenção ou modo de trabalho apoiado nesse conceito requer identificação das linhas de comunicação já existentes, troca e produção entre as pessoas envolvidas na gestão administrativa e atendimento interno e ao cidadão. Assim, o primeiro passo foi mapear o entorno de cada Unidade, identificando coletivos e instituições e sua participação.

A partir do mapeamento, tratei de conversar e pensar junto com todas as equipes profissionais sobre o papel de cada Unidade numa rede sempre mais expandida e influenciada por ações culturais e sociais de cada região da cidade. Esse já era o início de uma ação formativa na rede, e o foco das reuniões mensais passou a ser o aprendizado e o manejo das relações institucionais: que saídas criativas aproximariam os usuários dos serviços oferecidos pelas bibliotecas públicas?

Perguntas como essa orientaram – e, pela nossa experiência, continuarão orientando – a conversa nos principais encontros dos funcionários. Entre os resultados, podemos citar:

- As reuniões mensais são agora dispositivos de trabalho entre as pessoas envolvidas ou que de alguma maneira participam da rede;

- nas Unidades, há um encontro mensal com duração de duas horas e participação de todos os profissionais (funcionários e contratados), instituições locais e usuários, para analisar criticamente a dinâmica de trabalho da equipe e o impacto dos serviços prestados;

- nas regionais, há também encontros mensais entre representantes das Unidades, com o objetivo de, a partir da experiência das equipes, estabelecer estratégias comuns para o desenvolvimento dos serviços.¹⁰

Nessas reuniões e pelo mapeamento, notavam-se a enormidade da rede e as diferentes articulações que havia entre cada Unidade e as comunidades locais. Assim, além do aprendizado possível em função dessas diferenças, foi preciso compartilhar questões e estabelecer uma lógica comum a essas ações, padronizando ferramentas e reunindo as respostas encontradas.

Só uma lógica comum determinaria as margens de exploração e as ações possíveis do trabalho em rede, para continuar desenvolvendo e ampliando as condições de acesso e mediação de leitura apoiadas em reuniões regulares sobre os trabalhos realizados. Tendo sido a conversa o principal dispositivo de análise e registro, houve uma construção participativa que em si configurou um processo de formação. Todos os funcionários foram implicados na mesma problematização, na mesma conversa: como favorecer o maior acesso e o gosto pela leitura nas bibliotecas?

[...] a *conversa* é o primeiro dispositivo para a multiplicação e a construção coletiva de conhecimentos. Acolhendo dúvidas, sugestões e críticas, dentro de um processo transparente de análise do trabalho, principais desafios e negociações necessárias no campo comum e público dos serviços desenvolvidos.¹¹

¹⁰ BIBLIOTECA EM REDE. Blog dos registros do trabalho de formação dos profissionais da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://bibliotecaemrede.blogspot.com.br/p/csmb.html>>. Acesso: 27 set. 2012.

¹¹ Idem.

As ferramentas de trabalho passaram a ser descritas e organizadas, tornando claras e em linguagem acessível as formas de produção e os objetivos compartilhados com o grupo gestor. As reuniões deixaram de ser uma mera formalidade institucional – a ser evitada por representar uma ordem que apenas controlava disciplinarmente a medida da implicação dos funcionários em suas tarefas ordinárias –, e cada vez mais dispositivos integravam os funcionários e fortaleciam os objetivos institucionais e da rede. Esta, por sua vez, ultrapassou os limites das Unidades e ganhou as ruas, as praças, o comércio, as escolas, os hospitais, as lideranças locais e as ações sociais e culturais da cidade.

A identidade das bibliotecas públicas passou a ser dada pelas relações sociais, e não mais pelo cumprimento quase automático do trabalho diário. Assim, pensar e propor estratégias de trabalho deixou de ser prerrogativa de um cargo determinado pela hierarquia formal e passou a ser a própria lógica de funcionamento. Pensar, conhecer e criar passou a ter o valor necessário para as saídas criativas, e disseminou-se entre os funcionários o gosto de fazer suas leituras particulares e de alimentar uma rede de trabalho que depende do gosto pela leitura, que é, por natureza, diferente, subjetiva e polivalente.

O trabalho deixou de ser apenas o cumprimento de tarefas para tornar-se um laboratório criativo e coletivo de conhecimento. As tarefas não deixaram de ser cumpridas, mas passaram a compor uma rotina de aprimoramentos e de invenção

de caminhos mais eficazes para o atendimento ao público.

A necessidade de reunir experiências e de seguir criando a própria lógica de trabalho em comum acordo com todas as Unidades levou às reuniões regionais a discussão e a análise dos projetos desenvolvidos pela rede: projetos de mediação de leitura, leitura em voz alta, divulgação, parcerias institucionais, seleção de acervo, palestras e participação em redes sociais e congressos, sempre com as adaptações necessárias a cada realidade e a suas potencialidades profissionais. Cada resposta dos projetos serviu para orientar e/ou corrigir rotas, a partir da experiência dos funcionários mais antigos e do entusiasmo dos mais novos. Mais uma vez, confirmávamos que a conversa e a troca de experiências desenhava um plano de formação e um conhecimento coletivo aplicado ao trabalho de cada biblioteca.

No segundo semestre de 2010, o aquecimento e o entusiasmo da rede já levantavam perguntas de extrema importância para a continuidade dos trabalhos, mas, mais do que respostas, essas perguntas demandavam um debate aberto com o grupo gestor sobre as diferentes alternativas encontradas nas reuniões regionais (cinco regiões administrativas). Assim, em julho, tiveram início os Fóruns CSMB.

O FÓRUM é uma ação de fomento ao desenvolvimento de toda a CSMB. Um dispositivo de construção de conhecimento, posturas aplicadas ao trabalho, gestão apoiada na opinião pública e reflexão sobre todas as influências e condições para o trabalho de promoção da leitura.¹²

¹² Idem.

Inicialmente, os fóruns foram organizados a partir das experiências que conseguiam resposta boas ou nem tão boas, mas que poderiam alimentar o debate sobre as condições de trabalho e as alternativas possíveis para o enriquecimento e a participação no espaço público das unidades.

Pelos relatos e pelas experiências, aprendemos que o debate organizado é o oposto da briga desordenada, na qual, de um lado, ficavam os queixosos por uma estrutura ideal e, do outro, os administradores, isolados por sua tarefa estatística e responsáveis pela manutenção de um equipamento que demanda sempre mais investimentos. Assim, o debate assumiu sua feição política, como parte da rede e da cidade.

A continuidade dos fóruns em 2011 incorporou também os departamentos específicos da CSMB: a Programação Cultural, a Divisão de Desenvolvimento de Coleção e Tratamento da Informação (DDCTI), o Planejamento, a Formação, os Serviços de Extensão e a Coordenação. Foi como uma confirmação da conversa como fonte inesgotável de aprendizado e do debate como afinação dos instrumentos de comunicação e apoio aos profissionais da rede.

Nesses fóruns, redigiram-se documentos de orientação ao trabalho (padrões comuns), formaram-se comissões de trabalho, criaram-se cursos técnicos, firmaram-se acordos de relação e troca, travaram-se diálogos conceituais e, principalmente, se afirmou o trabalho articulado com diferentes leituras e graus de

envolvimento, visto que há pessoas motivadas pessoalmente e outras que não são. Naturalmente, as pessoas que querem mudanças e trabalham por elas enfrentam não só os desafios inerentes ao trabalho, mas também boicotes, desmotivação e ressentimento.

Dizer que é preciso mudar a atitude no atendimento aos usuários para afirmar o papel da biblioteca na vida política e cultural da cidade pode parecer uma repetição de argumentos para convencer ou resolver um problema que é muito maior. Portanto, nos ocupamos de estudar a possível motivação comum a todos os que, de alguma forma, se envolveram nessa mudança necessária, procurando cercar os pontos que demandavam ações integradas, uma linha forte de afinidades e que fosse capaz de contaminar – e não apenas convencer – as pessoas.

[...] a *construção de modos de pensar e agir em rede para o desenvolvimento de ações de leitura em bibliotecas públicas, ônibus, pontos e bosques de leitura, fortalecendo a socialização dos afetos e a construção coletiva de conhecimentos*.¹³

A razão pela qual a CSMB fomenta uma ação coletiva de articulação com a comunidade não é única e nem representa a escolha de uma gestão em particular; essa ação é uma resposta consciente ao papel possível do maior equipamento cultural da maior cidade do país. Os motivos são claros aos olhos atentos de quem se dedica ao serviço de leitura: há que desenvolver o gosto pela leitura e am-

pliar o acesso à leitura por um chamado convidativo e entusiasmado, o que ultrapassa muito o acúmulo de informações de tarefas.

A causa pela qual esse programa existe e se sustenta é a mesma que sustenta todas as ações de fomento à leitura: a ampliação do efeito da leitura nas camadas constitutivas do cidadão, que pode apreender com toda e qualquer leitura as diferentes interpretações e narrativas que engendram modos de pensar, agir, expressar-se, sentir e se relacionar com o entorno e, no limite, com o mundo.

O entorno da biblioteca não é apenas geográfico, mas também subjetivo e repleto de significados. E foi sobre esse entorno que pensamos nossas ações e os efeitos do trabalho que desenvolvemos. Mas como mapear essa intrincada teia de significados no espaço de leitura que é a biblioteca? Registrando, tal como fazem os cartógrafos dos territórios, em permanente expansão de movimentos de ocupação. Virginia Kastrup escrever sobre o método cartográfico formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari:

Os fenômenos de produção da subjetividade têm como características o movimento, a transformação, a processualidade. Por tal natureza, a subjetividade é refratária a um método de investigação que vise representar um objeto e requer um método capaz de acompanhar o processo em curso. As questões que se colocam são: como encontrar um método de investigação que expresse o processo que está em andamento? Como não limitar nossa investigação aos produtos desse processo? Trabalhando com um objeto em movimento,

*como não perdê-lo em categorias fixadas, que deixam fora da cena o fluxo processual no qual as subjetividades foram produzidas?*¹⁴

Nessa perspectiva, passamos a registrar todos os encontros em reuniões e fóruns em fotos e filmes, textos de investigação dos trabalhos e das demandas de atualização; grupos formados voluntariamente escreveram propostas específicas, exercitando o próprio aprendizado e a multiplicação dos conceitos abordados nos cursos de inteligência coletiva e mediação de leitura. Tornamos o blog Biblioteca em Rede o lugar de compartilhamento de toda e qualquer forma de registro e o ato de cartografar uma ação de trabalho, agora associado às demandas institucionais e às tarefas diárias.

Enriquecidos por essas experiências, pelos relatos e pelos debates, os bons trabalhos ganharam mais visibilidade, ao lado das falhas no acompanhamento dos serviços. A falta de conceitos norteadores e de uma reflexão sobre o papel do servidor e da identidade da biblioteca pública produz rupturas na história política da cidade que soem prejudicar a continuidade das equipes e de projetos em andamento, assim como um banco de dados que ainda não integra ou publica suas próprias análises. Nesse ponto da reflexão, descobrimos coletivamente uma segunda prioridade desse movimento, claramente formativo e educativo – os seminários teóricos:

Sobre os SEMINÁRIOS TEÓRICOS: todas as ações de desenvolvimento da CSMB necessitam de conversas sustentadas em conceitos

¹³ Idem.

¹⁴ KASTRUP, V.; BARROS, R. B. Movimentos funções do dispositivo na prática da cartografia. In: KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009, v. 1, p. 76-91, p. 76.

e contextos de trabalho no campo público, portanto, o núcleo de supervisão, junto com o planejamento, realizará, no ano de 2012, nove seminários teóricos com exposições e debates entre os funcionários, estudiosos e professores. O conteúdo dos seminários será formado a partir de cada encontro, acolhendo as sugestões e o progresso da conversa. Mande sua sugestão.¹⁵

Os seminários marcaram uma nova etapa do desenvolvimento da rede. Unanimemente consideradas um meio de aprimoramento do trabalho em equipe e da inserção das bibliotecas no debate público sobre o crescimento da cidade, as conversas demandavam agora um solo firme para as ações em andamento, que, por seu caráter inovador, ainda não tinham crivos formais que sustentassem a continuidade do trabalho. Convidamos profissionais, docentes e pessoas com trabalhos reconhecidos em equipamentos públicos para fundamentar o conteúdo dos debates com textos acadêmicos e relatos de projetos reconhecidos por instituições dedicadas ao estudo e à promoção da leitura. A boa surpresa foi a descoberta de que, entre os próprios funcionários do sistema CSMB e da Secretaria da Cultura, havia muitos que se dedicavam a esse tipo de produção conceitual e referenciada em instituições de pesquisa e educação.

O território das bibliotecas está se expandindo; os muros e as grades datados de uma época já não refletem a arquitetura necessária a esse espaço, o que nos levou a discutir e descrever estruturas mais adequadas à leitura e a encontros em biblio-

otecas. Na presente gestão, algumas reformas se orientam pela integração com a praça ou a rua, valorizando a presença no espaço público contra o esvaziamento e a desertificação, que isolam tanto o funcionário quanto o cidadão, que, assim, ficam expostos e vulneráveis a ações de destruição, roubo ou coerção.

Tal como a própria cidade, a rede de bibliotecas é puro movimento de expansão. Com suas necessidades e com o esgotamento de lógicas desatualizadas, a rede de bibliotecas tende a firmar um ritmo de crescimento e multiplicação de novos sentidos tanto para si quanto para sua cidade e, portanto, para o cidadão. Infraestrutura e fomento à leitura não se separam; são ações colaborativas no mesmo processo: o de estruturar condições favoráveis a todo e qualquer interesse por leitura, acolhendo demandas e atentando para as diferenças, ampliando funções meramente resolutivas, que se fecham a tudo e a todas as perguntas, para inspirar criação, animar conversas e subsidiar a aventura do cidadão vivo, que cresce na medida em que se sente efetivamente desafiado por seu ambiente. Essa rede não clama apenas livros, mas também um lugar favorável ao debate, ao diálogo e à investigação pessoal e coletiva sobre o que o homem descobriu, inventou e escreveu até aqui, na literatura e em periódicos.

ALGUNS EXEMPLOS EM EXERCÍCIO

Por meio de alguns exemplos, procuro ilustrar esse processo, correndo o risco de não mencionar pequenas mu-

danças na rede e nas bibliotecas que não foram menos importantes no conjunto de respostas e transformações criativas que animaram o percurso. Todas as 53 bibliotecas foram contaminadas pelas reflexões e mudanças de atitude, mas exemplifico com situações desafiadoras e articuladas com a comunidade do entorno que, além do efeito local, também inspiraram em toda a rede o desejo de atualizar a biblioteca pública com o cenário político e cultural da cidade.

AS AMIGAS DA BP ÉRICO VERÍSSIMO

O grupo de senhoras bordadeiras¹⁶ na BP Érico Veríssimo é um bom exemplo de ocupação da biblioteca que acolhe e produz interesse na leitura. Naturalmente, senhoras têm inquietações sobre sua idade, seu papel social e sua participação na vida da comunidade. Enquanto bordavam histórias criadas a partir de sugestões dos funcionários ou dentro do próprio grupo, as amigas da biblioteca, como se autodenominaram, faziam considerações pessoais e de interesse literário. Em 2011, participando das reuniões mensais, configuraram uma nova proposta de interação com a biblioteca: chamaram jovens da comunidade para, junto com eles, procurar melhores saídas e apoio à vida social desses jovens, marcada por exclusão e desamparo de suas inquietações inerentes a uma fase de amadurecimento de expressões e singularidades.

Logo perceberam que a conversa também interessava a instituições como a escola, as ONGs locais, igrejas e até o

Conselho Tutelar e convidaram-nas todas a frequentar as reuniões mensais. As pautas baseavam-se em relatos de situações desfavoráveis à integração e à expressão dos jovens. Por meio dos funcionários, a biblioteca mediava o debate, referindo-o sobretudo pelo acervo. Hoje, cerca de trinta instituições participam das reuniões e, embora não regularmente, levam sugestões articuladas com a comunidade. Os jovens criaram e mantêm um *blog*, para ampliar o circuito de trocas e apoio às ações das instituições, antes isoladas em seu território particular.

Embora descrito brevemente, esse é um exemplo frisante do exercício de mediação que uma biblioteca realiza a partir de questões cotidianas muitas vezes negligenciadas por falta de reflexão coletiva ou de conexões entre os diferentes equipamentos públicos de uma comunidade. Além de resolver problemas individuais, criou-se um teia de relacionamento que acolhe e dá referência a uma importante camada da população – os jovens.

O projeto foi exposto no fórum de julho de 2011 pelo bibliotecário Claudio Roberto da Silva e servirá sempre como um exemplo de trabalho articulado com a vida da comunidade; os conceitos e as estratégias de organização deram à rede uma rica contribuição sobre o que pode uma biblioteca pública, um verdadeiro laboratório de investigação e exploração da leitura como coadjuvante do desenvolvimento social e político da população. A veiculação direta de textos de diferentes natureza alimenta o diálogo e a potência que o texto pode ou não ter na invenção de

¹⁵ BIBLIOTECAS..., op. cit.

¹⁶ Esse grupo começou a frequentar a biblioteca por volta de 2005, em função de um trabalho com a comunidade desenvolvido pela bibliotecária Patrícia Marçal assim que entrou na BP Érico Veríssimo. Articulados, os grupos de rendeiras e bordadeiras da região de Taipas começaram a desenvolver projetos. O primeiro foi o da Colcha de Retalhos, com bolsos onde se colocavam memórias dos moradores.

saídas coletivas para desafios que também são coletivos, embora muitas vezes sejam vividos de maneira privada e portanto, isolada.

SARAUS DAS PERIFERIAS EM BPS E ROTEIROS DE ÔNIBUS-BIBLIOTECA

A simples troca de informações e o aproveitamento do conhecimento da funcionária Rosa Falzoni (assistente social), que tem uma larga experiência de formação de grupos comunitários na construção de conjuntos habitacionais na década de 1980, produziram na rede o interesse de levar às bibliotecas um movimento explicitamente popular de organizações independentes em torno da leitura. Os saraus nas periferias de São Paulo, que reúnem um número significativo de participantes de várias idades, estilos e interesses, geralmente em bares do bairro onde vivem essas pessoas, são hoje uma expressão cultural reconhecida em editais e em produções acadêmicas e referência em outros países. E por que não levar às bibliotecas essa força multiplicadora do gosto pela leitura e pela criação literária? Só faltava encontrar os arranjos possíveis para uma parceria, e o reconhecimento desses saraus como notória expressão artística se mostrou um caminho para a contratação desses grupos para conduzirem essas ações dentro da biblioteca, com um vínculo cada vez mais estreito e fértil com os funcionários.

Essa parceria não se limita à reprodução de um evento que leva um público

significativo para dentro da biblioteca, mas sobretudo articula e promove a comunicação direta entre os coletivos contratados e os jovens, adultos e crianças do bairro, conhecedores da realidade que cerca a comunidade, como uma voz representante de necessidades e anseios de uma população que vive na periferia da cidade. Integrá-los à rede de bibliotecas é um avanço administrativo de um equipamento público que reconhece no cidadão suas potencialidades e competências criativas e definitivamente dá acesso aos interesses de leitura e à expressão literária independente.

UMA NOITE NA BIBLIOTECA

A Fantástica Jornada Noite Adentro, que acontece na BP Viriato Corrêa desde março de 2009, reuniu em 2012 cerca de cem usuários, que participaram de exposições de cinema, grupos de leitura, oficinas e debates sobre literatura fantástica. O êxito do evento inspira a toda a rede dois importantes usos da biblioteca pública: como espaço de convivência e como lugar de articulações culturais entre coletivos e instituições.

Duas bibliotecas vizinhas, ambas na avenida Celso Garcia, no Tatuapé, lograram a mesma articulação entre si e com outras instituições,¹⁷ organizando e acompanhando crianças que, acampadas dentro da BP Hans Christian Andersen, participaram de contação de histórias, de palestras com os pais e de atividades tea-

trais. Nessa versão, as crianças dormem na biblioteca e os pais voltam pela manhã, para buscá-las.

A ideia simples de reunir crianças para acamparem na biblioteca e assim conduzir uma divertida experiência de leitura compartilhada inspirou a BIJ Monteiro Lobato, a BP Belmonte e outras que multiplicaram a experiência articulando instituições locais e lideranças comunitárias.

Esse é um claro exemplo da multiplicação do conhecimento ensejada por uma prática profissional compartilhada e articulada com a rede. Uma iniciativa competente e bem-sucedida se torna referência para outras equipes e constrói uma ação cultural pela multiplicação de seus bons resultados. O que postulamos aqui como a potência da rede é o envolvimento

das pessoas nesses processos, criando referências e crivos formais de apoio e sustentação de uma biblioteca viva e integrada com a comunidade e seu entorno.

Atualmente, toda Unidade sustenta, de alguma maneira, sua produção nas relações interpessoais com o entorno e, sobretudo, com o cidadão comum. A biblioteca que queremos é aquela que vem sendo inventada e reinventada por pessoas interessadas em compartilhar sua leitura ou porque querem compartilhar outras coisas e acabam motivadas pela literatura. O que se deve aprimorar são os instrumentos de produção de práticas que favoreçam relações humanas mediadas pela leitura, para que efetivamente possamos ampliar o acesso e o efeito da leitura – e, mais especificamente, da literatura – no desenvolvimento de um povo.

¹⁷ O Programa de Iniciação Artística (PIA), o Departamento de Expansão Cultural – DEC da Secretaria da Cultura, o Procon-SP, a Associação de Amigos do Parque São Jorge e a Guarda Civil Metropolitana –GCM.



Contribuições ao processo de construção de uma política de acesso à leitura de textos literários

Valdirene Gomes*

A Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas – CSMB, órgão responsável pela gestão política e administrativa das 53 bibliotecas de bairro, dos 15 Pontos de Leitura e dos 12 Ônibus-biblioteca, norteia-se por uma visão humanista, o que se traduz num programa de qualificação dos

servidores para melhor atenderem à população, com capacitação técnica geral, apoio para participação em seminários e estágios no Brasil e no exterior e estímulo à criação de novos serviços como o de mediação de leitura de textos literários, que é o objeto deste texto.

* **Valdirene Gomes** é formada em Ciências Sociais pela Unesp, com especialização em Arte Integrativa pela Anhembi Morumbi-SP. cursou Économie et Financement de la Culture na Université Paris-Dauphine. É assessora da SMC-SP, na CSMB, na área de implementação do programa de formação aos servidores e nas políticas públicas para o livro e a leitura.

PERCURSO

Entrei na seara da leitura na CSMB em 2008; até então, fazia a programação cultural da Biblioteca Belmonte, Temática em Cultura Popular, e depois a da Raul Bopp, Temática em Meio Ambiente. Nesse ano, com a anuência da coordenação, candidatei-me e fui selecionada pelo ministério francês da Cultura e Comunicação ao programa de Intercâmbio e Aperfeiçoamento Profissional Courants du Monde, pelo qual participei do curso Financement et Économie de la Culture (Financiamento e Economia da Cultura), na Universidade Paris-Dauphine, em Paris, em que se discutiram políticas públicas no âmbito cultural, gestão de orçamento, marketing e ação cultural.

Essa nova perspectiva se abriu a partir de informações sobre a ONG francesa Ações Culturais Contra Exclusões e Segregações – Acces, que fazia mediação de leitura para bebês, e de minha participação no Encontro Internacional de Literatura e Ação Cultural, realizado em julho de 2008. Convidados especiais, a antropóloga francesa Michèle Petit e o linguista colombiano radicado na França e vice-presidente da Acces Evélio Cabrejo-Parra abordaram profundamente a leitura como chave para a cidadania e a humanização.

A partir daí, concebi um projeto de pesquisa sobre leitura que, em duas semanas, visava conhecer, diagnosticar e estabelecer relações entre as atividades realizadas em instituições francesas (ONG Acces e bibliotecas) e nas bibliotecas da

CSMB. Esse projeto foi aprovado pela coordenadora, Maria Zenita Monteiro, e pelo secretário municipal de Cultura, Carlos Augusto Calil.

Desde sua criação, em 1982, a Acces vem se dedicando a mediar leitura para bebês, capacitar mediadores e implantar projetos de mediação em bibliotecas públicas e em instituições. Ao longo de sua história, teve que convencer diversos atores sociais – entre eles, bibliotecárias e mães – da importância de se porem bebês em contato com livros infantis e de se lhes lerem histórias. A Associação revolucionou as políticas das bibliotecas públicas na França, que foram ensinadas a receber esse novo público: os muitos pequenos e seus pais.

De volta a São Paulo, eu trouxe essa experiência, que a gestão da CSMB acolheu e propôs potencializar. Organizei todo o material e fizemos cinco apresentações em bibliotecas públicas municipais mostrando o trabalho com fotos, livros, prospectos, filmes etc.

Participaram dos encontros 92 pessoas e com surpresa constatamos que, naquele momento, a proposta não tinha sentido para quase nenhuma delas, exceto por umas poucas, que nos motivaram a persistir:

“ Fiquei encantada mas não completamente surpresa com as possibilidades de interferência da leitura na vida das pessoas, principalmente de crianças. A leitura, como é praticada nos serviços que você acompanhou, de acordo com a minha percepção, aponta para um caminho onde se estabelecem e se desen-

volem competências que vão além dela, leitura, e do entendimento da palavra escrita e falada. É a leitura que indica “quem somos, como somos, por que somos”. Mais do que isso, que nos faz acreditar que podemos ser mais e além do que somos hoje [...] é uma prática com potencial de ressignificar a vida.¹⁸ ”

Segui o ano de 2009 fazendo as programações culturais de praxe na minha função, até que, junto com Doroty Rojas, também da área de programação cultural, organizamos e coordenamos o 2º Encontro do Sistema Municipal de Bibliotecas, previsto para 2010, para suscitar reflexões acerca do papel da leitura na primeira infância e da questão da juventude e estabelecer um diálogo entre práticas de promoção da leitura adotadas pelo Sistema Municipal de Bibliotecas – SMB, pelo terceiro setor e por iniciativas comunitárias, com vistas a articular parcerias em que as bibliotecas públicas e comunitárias aprimorassem seu trabalho de formar cidadãos.

Nesse Encontro, Evélio Cabrejo-Parra proferiu a palestra Leitura e Desenvolvimento na Primeira Infância e comentou os casos relatados por creches e Escolas Municipais de Educação Infantil da prefeitura que faziam mediação de leitura para bebês e crianças pequenas respectivamente nas cidades de Itu e São Paulo. O encontro reuniu 400 pessoas, das quais 60% eram funcionários da CSMB. O crescente número de interessados indicava que o tema foi aos poucos se introduzindo na rede.

Ainda em 2010, passei a ocupar o cargo de assessora na CSMB, com o desafio de implementar programas de formação que articulassem toda as Unidades da rede e os vários departamentos da CSMB, de modo que, além dos propósitos comuns, tivessem experiências diretamente ligadas ao trabalho e que os funcionários incorporassem em sua prática cotidiana essa dimensão transformadora. Os objetivos eram criar entendimentos comuns sobre os principais aspectos do trabalho e mudar a forma de trabalhar lidando com real e o possível, e não só com o ideal; pretendíamos ainda atenuar a ideia corrente de que só é possível realizar novos trabalhos se tivermos o cenário perfeito: número ideal de equipamentos e funcionários, articulação entre as unidades etc., o que sempre nos fazia continuar no que conhecíamos, postergando a desejada inovação. Para tanto, as formações passaram a ser obrigatórias, e todas as bibliotecas deviam participar com pelo menos um funcionário.

Nessas condições, fizemos a Formação de Bibliotecários: Inteligência Coletiva Aplicada a Processos de Liderança, grupo do Laboratório de Inteligência Coletiva – LInC, para 108 bibliotecários, e uma formação em inteligência coletiva para o grupo gestor (técnicos de diversas formações, dos diversos departamentos da CSMB), de que participaram 27 pessoas. Em ambos os casos, o eixo das discussões foi acolhimento, relacionamento de trabalho, comunicação e coesão social.

¹⁸ Depoimento de Josefa Bogaz (Zezé), da BPCamila Cerqueira César.



“ Em um mundo cada vez mais interdependente, instituições públicas, como as bibliotecas e suas comunidades, só evoluem com práticas apoiadas na qualidade das relações humanas. O trabalho do LInC é criar um campo favorável para que tais relações ocorram de forma verdadeira e implicada, assegurando a socialização dos afetos, a construção coletiva de conhecimentos e a inovação no plano das tecnologias cognitivas [...]. A inteligência coletiva é o exercício prospectivo e de abertura cognitiva aos afetos, ao conhecimento e à aprendizagem que nascem do encontro com o outro, sendo imprescindível à sustentação afetiva e psíquica da relação entre sujeitos, grupos e comunidades na realização de atividades e propósitos comuns.

Nosso foco é a engenharia do laço social: a maneira como essas instituições conduzem seus projetos de mediação da leitura na interação com sua rede de atores: funcionários, usuários, comunidade local, agentes culturais, provedores de tecnologias de informação e comunicação, entre outros.¹⁹ ”

Como resultado, ampliaram-se a problematização e o aprofundamento do papel da biblioteca pública no cenário atual, a integração entre as Unidades e a coesão entre bibliotecas, coordenadorias regionais e demais áreas da CSMB. Outra conclusão relevante foi o entendimento comum de que a leitura é o ponto central do trabalho da biblioteca e de que outras ações e atividades devem derivar dela.

Percebemos ainda que é fundamental que haja mediação de leitura com o público e com os próprios funcionários.

Dentre os funcionários que atendem diretamente o cidadão, só conseguimos atingir os bibliotecários com a formação realizada pelo LInC, mas gostaríamos de ampliar o que ficou mais latente da formação anterior: uma melhor compreensão do papel da biblioteca e sua afirmação como espaço cultural a partir da leitura. Queríamos fazer formação com a maioria dos funcionários – com diversos níveis de escolaridade e envolvimento com o trabalho – para disseminar o entendimento da biblioteca como uma instituição do âmbito da cultura, de que seus trabalhos devem derivar da leitura e da importância de formar novos leitores. A CSMB decidiu discutir e trabalhar a mediação de textos literários não só com bebês, como acontece na França, mas a partir do contexto de cada biblioteca e com o público que atende ou pretende atender. Para isso, intensificaram-se a oferta e o incentivo à participação em seminários, grupos de estudo e formações sobre o tema.

A formação de profissionais mediadores de leitura

Em 2011, a CSMB firmou a parceria Conversas ao Pé da Página, pela qual se realizaram seis seminários ao longo do ano, discutindo a formação do mediador de leitura. Participaram 295 funcionários ao todo. A parceria foi mantida e, em 2012, o tema central foi uma reflexão sobre crianças e jovens no século XXI,

¹⁹ LABORATÓRIO DE INTELIGÊNCIA COLETIVA. *Proposta Formação de Bibliotecários: inteligência coletiva aplicada a processos de liderança*. São Paulo: LInC, 2010.

leitores e leituras, com a participação de 128 funcionários.

Ainda em 2011, criamos um grupo de estudo para ler e discutir leitura na primeira infância, com encontros semanais e a adesão de 27 profissionais.

A CSMB considerou que era o momento de potencializar ainda mais as ações e a formação para a mediação da leitura de textos literários na rede, dessa vez, com profissionais qualificados na área. O desafio era abarcar toda a rede, com sua grande diversidade cultural e econômica. Inicialmente, essa formação deveria conhecer o contexto e as características socioculturais dos funcionários.

Concordamos com A Cor da Letra quando afirma:

A relação com o livro tem um caráter cultural e não apenas educacional. A ação cultural é um processo que oferece condições para que as pessoas descubram sua capacidade de criar, inventar e reinventar seus objetivos. É um processo que contribui para o desenvolvimento geral e educacional, facilitador do processo de letramento, da construção de vínculos, da ampliação do repertório cultural e para a formação de leitores plenos [...].

Quando trabalhamos com um projeto de leitura literária que tem como objetivo a leitura em si mesma é que estamos garantindo o acesso à cultura escrita, que é diferente da cultura oral. Nessa perspectiva, ao oferecer ao público o livro e sua leitura de forma gratuita, estamos inserindo-o não só no universo lúdico da literatura, mas também nas regras, nos códigos e nas estruturas da linguagem verbal escrita.²⁰

Foram determinantes na escolha da empresa o tipo de livro utilizado na formação e sua compreensão das possibilidades que se abrem a partir da literatura:

[...] a literatura possibilita o leitor entrar em contato com conteúdos, extremamente, vitais às especulações da experiência humana. Nesse sentido, a literatura tem um papel fundamental para a humanização das pessoas, contribuindo para o conhecimento de si próprio, do outro e do mundo. [...] o fato de trabalharmos principalmente com livros infantis e juvenis ilustrados e com projetos gráficos de qualidade. O contato com esse universo visual tão rico e diverso permite que os leitores tenham uma experiência estética, conheçam formas de expressão diferentes que, junto com os textos, formam obras de arte. Esse universo imagético proporciona descobertas, momentos de prazer, de humor e emoção, mesmo para aqueles que ainda não são alfabetizados ou que têm dificuldades de leitura.²¹

No segundo semestre de 2011, oferecemos o módulo I de Formação de Mediadores de Textos Literários e Grupo de Discussão sobre Ações Literárias nas Unidades para os gestores, que participavam por adesão. Fizemos duas formações simultâneas para alinhar a discussão nas Unidades e nos departamentos da CSMB, pois, além de criar entendimentos comuns sobre os conceitos fundamentais desses temas, esperávamos que os departamentos atendessem com mais agilidade e entusiasmo as necessidades da ponta e também que essa proposta se irradiasse em toda a CSMB.

Em 2012, fizemos o módulo I no primeiro semestre para as Unidades que ainda não haviam participado, o módulo II de Formação de Mediadores de Leitura de Textos Literários, Formação de Multiplicadores e o grupo de estudo. Trabalhamos com as 53 bibliotecas da rede, e a participação dos funcionários dos Pontos de Leitura era facultativa, pois não os gerimos diretamente. Fizemos um trabalho de sensibilização junto às chefias e, dos 15 Pontos, conseguimos que 5 participassem. O mesmo aconteceu com os funcionários que trabalham nos Ônibus-biblioteca, que são apenas supervisionados pela CSMB. Ampliando o serviço, foi oferecida uma capacitação e incluída uma oficina de mediação de leitura. O trabalho vem se sedimentando pela atuação de multiplicadores formados em mediação de leitura que são responsáveis pelo serviço dos Ônibus-biblioteca. Também abrimos essas formações a instituições da sociedade civil que são parceiras de CSMB como o Instituto de Estudos Brasileiros – Ibeac, que atua em Parelheiros, junto a jovens fomentando ações de leitura e apoiando a Biblioteca Comunitária, e o Instituto Alana, que atende jovens e crianças do Jardim Pantanal e, entre os serviços que oferece, tem uma biblioteca.

As formações procuraram fazer com que todos os participantes reconhecessem o valor teórico e prático da mediação de leitura de textos literários numa perspectiva cultural.

Já os objetivos do módulo II foram planejar e aperfeiçoar as práticas de mediação de leitura nos espaços da biblioteca, participar na construção de um projeto de leitura para seu local de trabalho, ampliar o conhecimento dos participantes sobre a mediação de leitura e os leitores, usar o registro como uma forma de pesquisa e documentação sobre a leitura, integrar os vários grupos de mediadores de

leitura em 12 subgrupos, acompanhar a implantação e o desenvolvimento das práticas de mediação de leitura, possibilitar momentos de troca entre os trabalhos de leitura realizados e incentivar os participantes a construir espaços para melhorar e aperfeiçoar o trabalho de leitura.

O grupo de multiplicadores deveria formar outros funcionários da rede e de parceiros na prática de mediação de textos literários e garantir a continuidade desse processo sem custo adicional para o poder público. Os seis subgrupos (por região) criados atuaram onde estavam lotados e formaram 96 pessoas, entre funcionários, professores etc.

A última etapa da formação foram os grupos de estudo, com encontros quinzenais de três horas, tratando de três temas: Leitura e crianças pequenas, Leitura e adolescentes e Leitura e adultos. Os objetivos foram alinhar os conceitos práticos e teóricos relativos às práticas de incentivo à leitura literária da SMB, fomentar práticas de leitura como serviço das bibliotecas e integrar os funcionários das diversas regiões do município. Nesse caso, a escolha para participar dos grupos de estudo foi livre; a ideia era atingir o máximo de funcionários e favorecer a participação daqueles que não tinham estado em nenhuma formação.

Alguns resultados

Em um ano e meio de formações em mediação de leitura, houve 270 capacitações de funcionários das 53 bibliotecas, dos 5 Pontos de Leitura e dos Ônibus-biblioteca, participando também membros de três instituições (Ibeac, Instituto Alana e Biblioteca Sérgio Milliet, do CCSP), além das 96 pessoas capacitadas pelos multiplicadores.

No atendimento aos cidadãos, passamos a oferecer regularmente mediação de leitura de textos literários, ao lado do

²⁰ A COR DA LETRA. Proposta de Formação de Funcionários da CSMB em Mediação de Leitura de Textos Literários. São Paulo, 2011, p. 4.

²¹ Idem, p. 4/8.



empréstimo de livros, das consultas e da programação cultural. Vale destacar o serviço de mediação de leitura para bebês oferecido na BIJ Monteiro Lobato e nas BP Paulo Duarte, Jamil Haddad, Belmonte e Sérgio Milliet.

Dentre os resultados qualitativos salientamos a seguir algumas experiências

Um dos grupos de multiplicadores optou por capacitar funcionários da recepção e da portaria das bibliotecas, o que resultou em várias ressignificações da leitura, da família e do próprio local de trabalho. A leitura ampliou também o diálogo entre as pessoas, como vemos no relato abaixo:

“A participação de José Antônio Luiz na Formação de Mediadores de Leitura [...] gerou uma forte transformação nas atitudes do funcionário. Pode-se falar em antes e depois na relação dele com a biblioteca e com os livros. Noutras palavras, o cotidiano das horas a cumprir na Unidade, até então em tons cinzas, foi substituído por uma paleta de cores originadas pelo acervo literário. Já nas primeiras semanas, alguns nomes da literatura brasileira como Machado de Assis passaram a fazer parte do interesse do José Luiz. A timidez foi substituída pela conversa sobre o que cada colega de trabalho conhecia do acervo. Em suas avaliações, ele começou a perceber como os colegas também se apropriavam da leitura, desenvolvendo visões específicas sobre certos temas, mas, em sua compreensão, só faltava se abrir ao diálogo para que os demais comessem a compartilhá-las. E ele começou a nos provocar e a recuperar esse universo de impressões de que agora se dava conta. Não só com os colegas de trabalho; começou a

levar livros para os familiares. Tornou-se mediador de leitura para os netos.

Em termos pragmáticos, essa experiência o retirou do exílio pessoal da portaria e o levou à compreensão de sua função de recepcionar as pessoas na biblioteca. José Luiz se impressionou com o poder da leitura de transformar uma mente e passou a propagar a ideia de que o incentivo à leitura é o principal caminho para conduzir outras pessoas a participarem desse universo de experiências que ele passou a reconhecer.²²”

A experiência na formação e o contato com a leitura permitiram que alguns funcionários ressignificassem local de trabalho e sua função e, às vezes, a própria vida. Fizeram importantes descobertas e sentiram-se capazes de enfrentar novos desafios:

“Eu descobri um prazer pessoal e coletivo, também um crescimento profissional como valorização da minha função de auxiliar de biblioteca. Não tive nenhuma dificuldade para entender o conteúdo; pelo contrário, só ganhei.²³”

“Quando fui convidada para a fazer esse curso de mediação, confesso que estava desmotivada, mas, com o passar do tempo, senti uma grande alegria em ler para pessoas de todas as idades. Descobri a importância que tinha ler para as pessoas.

Minhas experiências foram diversas. Um dia, na Bienal do Livro, eu abordei uma senhora e lhe ofereci uma leitura. Ela ficou tão feliz, que repetiu várias vezes que nunca ninguém em sua vida tinha lido para ela. Fiquei emocionada de ver o quanto ela se alegrou com a leitura. Quando terminei de ler, ela pediu para eu ler mais um livro, e, ao terminar, ela quis tirar varias fotos bem juntinhas. Foi muito gratificante.²⁴”

²² Depoimento de Claudio Roberto da Silva, coordenador da BP Érico Veríssimo.

²³ Depoimento de Maria Ismênia Teixeira, da BP Sérgio Buarque de Holanda.

²⁴ Depoimento de Izabel Rueda, do Ponto de Leitura Piqueri.

Além das transformações pessoais, que sem dúvida se refletem no trabalho, a formação concorreu para a troca de experiências, ampliou o repertório cultural dos funcionários e qualificou-os para o trabalho de mediação de leitura nas Unidades:

“Com a leitura dos diversos textos e a realização das dinâmicas de grupo, podemos fazer associações e trocar experiências comuns que podem agregar conhecimentos teóricos e práticos ao desempenho das atividades de mediação de leitura. As aprendizagens mais significativas foram trabalhar em grupo, fazer registros escritos e fotográficos das atividades de mediação, respeitar o leitor e fazer da mediação uma rotina na biblioteca. As principais dificuldades foram sensibilizar alguns servidores para a importância do trabalho de mediar leitura, o número insuficiente de mediadores na unidade e tentar divulgar o trabalho para atrair mais público.²⁵”

“Com abordagens que foram desde afetuosas, como a de Geneviève Patte, até políticas, como a de Marisa Lajolo, foi importante situar a leitura como formadora de nossa humanidade, como um direito de cidadania e mesmo como um alimento para nossa vida interior. A surpresa maior foi com a formação como multiplicadora, sobre a qual eu estava insegura. Mas, seguindo a preparação dada por A Cor da Letra e o conselho de um professor – “não ponha em xeque a mediação educativa que é feita nas escolas” –, posso dizer que o resultado, entendido como troca, foi ótimo. Foi muito importante ver que contribuimos para uma nova perspectiva de mediação, que aprendemos a valorizar.²⁶”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certos livros podem mudar a existência.

Paul Cox

O percurso da implementação nas bibliotecas da mediação de leitura de textos literários para todos, desde bebês até adultos, foi possível porque acreditamos que certos livros podem mudar a existência e também que “ter acesso à leitura não garante de maneira absoluta a democracia, mas não tê-lo definitivamente a impede, ou, pelo menos, a retarda”.²⁷ Os trabalhos da CSMB partem dessas convicções para garantir à população o direito ao livro e à leitura. Entendemos ainda que a leitura pode nos tornar mais humanos, enseja pertencimento e muda nossa forma de estar no mundo.

Ao compartilhar a leitura, ao contrário, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é só pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que tecem os livros. É também pelo fato de que, ao experimentar, em um texto, tanto a sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar nesse ato o mais universal. [...] Se a leitura desperta o espírito crítico, que é a chave de uma cidadania ativa, é porque permite um distanciamento, uma descontextualização, mas também porque abre um espaço para o devaneio, no qual outras possibilidades são cogitadas.²⁸

Consideramos as bibliotecas públicas o lócus da cidadania, posto que oferecem à população livros e mediadores com a clareza de sua função e do sentido do trabalho.

Caminhamos para a consolidação de uma política pública de mediação de leitura para todos e afirmamos o papel da biblioteca pública no âmbito da cultura, com o importante reconhecimento dos mul-

tiplicadores, que neste mês de dezembro nos enviaram um documento coletivo em que reiteram seu compromisso com a continuidade do trabalho.

A atuação desses multiplicadores e dos mediadores nas bibliotecas públicas, garantindo o acesso a livros de literatura de qualidade, contribui, sem dúvida, para a mudança do cenário de leitura na cidade de São Paulo.

²⁵ Depoimento de Cléo Pires, coordenador da BPCora Coralina.

²⁶ Depoimento de Áurea Santos, da BPSérgio Buarque de Holanda.

²⁷ CASTRILLÓN, Silvia. O direito de ler e escrever. São Paulo: Pulo do Gato, 2011, p. 63.

²⁸ PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 43/28.



foto Sylvia Masini

Serviços de extensão: espaços alternativos de cultura e leitura

Adelina de Jesus Viotto Borges, João Batista de Assis Neto, Ana Lucia de Souza Tadei e Marta Nosé Ferreira*

Nos anos 1990, havia uma nítida demanda de ampliação do acesso à leitura, mas restrições orçamentárias e falta de políticas públicas culturais não permitiam a construção de novas bibliotecas na cidade de São Paulo. Assim, tratava-se de ampliar os serviços de extensão com custos menores e parcerias institucionais que assegurassem um caminho de desenvolvimento diante da demanda pública, uma alternativa que se tornou forte na lógica de

extensão do acesso à leitura e atravessou e atravessa todas as gestões como uma proposta sólida e responsável com a necessidade da população paulistana.

De 2005 a 2012, a Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas – CSMB ampliou os serviços de extensão, atendendo a essa demanda e fortalecendo o desenvolvimento de políticas públicas especificamente dedicadas a leitura e informação ao cidadão. Portanto, parques,

* **Adelina de Jesus Viotto Borges** é formada em Biblioteconomia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – Fesp-SP e pós-graduada em Gestão Pública pela Universidade de Mogi das Cruzes – UMC. Ex-diretora da Divisão de Planejamento e coordenadora dos Pontos de Leitura da CSMB desde 2007.

João Batista de Assis Neto é formado em Biblioteconomia pela ECA-USP e pós-graduado em Gestão Pública pela Universidade de Mogi das Cruzes – UMC. É coordenador dos Serviços de Extensão da CSMB. Desde 1990, integra o quadro de pessoal das bibliotecas, sendo cinco anos em bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados – CEU e os demais na SMC. É um dos autores do livro *Ecoss da alma*: antologia de poemas, lançado em 2010.

Ana Lucia de Souza Tadei, pedagoga com pós-graduação em Gestão Pública, é coordenadora dos Bosques da Leitura.

Marta Nosé Ferreira, bibliotecária, foi coordenadora dos Serviços de Extensão da CSMB.

praças e demais locais públicos, sobretudo em pontos distantes do centro, de baixo índice de desenvolvimento humano – IDH e, na maior parte das vezes, sem equipamentos culturais, recebem atualmente algum dos serviços de extensão:

- 12 Ônibus-biblioteca, com 72 roteiros fixos semanais;
- 13 Bosques de Leitura;
- Feiras de Troca de livros e gibis em parques municipais;
- 15 Pontos de Leitura.

ÔNIBUS-BIBLIOTECA

Em 1935, o escritor Mário de Andrade, então diretor do Departamento de Cultura, fez circular um Ford V8 pelas praças centrais paulistanas oferecendo cerca de 900 livros, além de jornais e revistas; para a população pobre – o primeiro carro-biblioteca da cidade. Esse primeiro serviço de extensão *avant la lettre* de São Paulo – anterior à criação da rede de bibliotecas – viria a se oficializar, pela Lei nº 11.080, de 6 de setembro de 1991, como Ônibus-biblioteca.

O carro-biblioteca funcionou de 1935 a 1942, tendo sido interrompido pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Voltou a operar de 1979 a 1987, com uma perua Kombi cedida pelo Instituto Nacional do Livro – INL. Em 1989, com a cessação de um ônibus pela Companhia Municipal de Transporte Coletivo – CMTC, o serviço foi incrementado e, após a edição da Lei, em 1991, 10 ônibus circulavam pela cidade, em 24 roteiros.

Em 2001, os veículos já apresentavam sinais de desgaste, ficando em funcionamento apenas quatro; estes também acabaram sendo substituídos por duas Kombis, que faziam o serviço precariamente. No fim desse ano, quatro ônibus novos passaram a fazer os roteiros, até

2006, quando quebraram e não puderam ser reparados por falta de peças.

Em 2007, quando o serviço parou, uma usuária do Ônibus-biblioteca foi à TV reclamar sua falta. Após essa reivindicação, a SPTrans doou quatro ônibus, que, inteiramente adaptados pela CSMB, passaram, a partir de março de 2008, a percorrer 28 roteiros.

Em 2008, o serviço recebeu o prêmio Viva Leitura, do Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL, na categoria 1, Bibliotecas públicas, privadas e comunitárias. A comissão julgadora levou em conta a originalidade do trabalho, seu impacto na construção da cidadania, os recursos utilizados, a pertinência e a abrangência da ação na comunidade, a duração e os resultados alcançados, entre outros critérios.

Mas foi no período de 2009 a 2012 que esse serviço mais se desenvolveu. A frota aumentou, e os ônibus foram readaptados e modernizados, com novo *layout* e equipes capacitadas sob as diretrizes da CSMB. Hoje, é um dos principais serviços de extensão, com 12 ônibus, um acervo de 4 mil volumes em cada um, para crianças, jovens e adultos, entre livros, revistas, gibis e jornais, e 72 roteiros. Oferece empréstimo de livros, mediação de leitura e programação cultural, uma vez por mês em cada roteiro. O serviço funciona de terça a domingo, das 10h às 16h.

Nessa perspectiva, tornou-se um lugar de trocas, de pertencimento e de relações, seja entre os moradores do entorno e as equipes ou de todos com a pluralidade de ideias contidas no acervo, desde o “Era uma vez...” dos contos de fadas, passando pelas memórias de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, até as badaladas trilógicas ou séries vampirescas.

Foi nessa mistura literária que encontramos a menina que pediu Quintana,

o carroceiro que lia Machado, a dona de casa que lia Agatha Christie, o estudante que lia Borges, o desempregado que só lia figuras e inventava sua própria história, além do espaço espontâneo essencial à fabulação e à inserção na cultura escrita. O Ônibus-biblioteca vem construindo esse comportamento leitor desde 1935 e, ao mesmo tempo, desconstruindo a máxima de que “o brasileiro não lê”.

Nas palavras de Machado de Assis, “A realidade é uma só, mas a retina é diferente”. Levar livros ao outro é também um modo de entender a si mesmo e ao mundo. Semanalmente, veem-se nos roteiros alta frequência, apropriação do espaço, novos leitores e muitos livros retirados. De janeiro a setembro de 2012, computaram-se 24.580 matrículas, a presença de 242.828 pessoas e 368.770 volumes emprestados.

Segundo uma personagem de *Afinidades eletivas*, de Goethe, “conhecemos as pessoas quando vamos até elas”. Os Ônibus-biblioteca estacionam nas ruas, conhecem seu público – seus desejos e suas necessidades literárias e de informação – e são reconhecidos por promover a leitura e o livro como objeto cultural.

No *blog* dos Ônibus, um usuário postou:

“ Não imaginava que esse ônibus ainda existia... Minha imersão no mundo literário foi graças a ele. Fazia questão de devolver os livros toda semana só para poder levar mais. Infelizmente, acabei me mudando do Jardim Miriam, o que não possibilitou aos meus irmãos terem a mesma oportunidade (hoje eles não têm paciência nem para ler gibis da Turma da Mônica). Antes criança da favela, hoje sou bancário, quase Cientista da Computação pela UFRN e futuro autor de um livro que estou quase a publicar. Tem o

dedo de vocês nessa história. Na minha história. Obrigado! ”

PONTOS DE LEITURA

No final de 2005, os representantes da comunidade de Cidade Tiradentes solicitaram à Secretaria Municipal de Cultura a construção de uma biblioteca na região. Para atender a essa demanda rapidamente e com baixo custo, a CSMB elaborou o Projeto Pontos de Leitura, e já em 2006 foram implantados três Pontos de Leitura, em parceria com a referida subprefeitura.

Com o crescimento acelerado e muitas vezes desordenado da periferia, ficou evidente a necessidade urgente de mais equipamentos culturais que atendessem aos anseios da população que vive em bairros com baixo IDH e sem acesso a informação, cultura ou lazer perto de casa. Assim, novos Pontos de Leitura foram implantados, e, como os Ônibus-biblioteca e os Bosques de Leitura, esse passou a ser mais um serviço de extensão da CSMB.

Em 2008, foram implantados mais cinco Pontos de Leitura, e a CSMB recebeu o Prêmio São Paulo Cidade: inovação em gestão pública, na categoria social, com oito Pontos em funcionamento. Depois, implantaram-se mais três em 2009, dois em 2010, um em 2011 e um em 2012.

Pontos de Leitura são espaços públicos ou comunitários instalados em parceria com o setor público ou com instituições privadas de acesso público que tenham em comum o interesse pela leitura como dispositivo de desenvolvimento sociocultural.

O trabalho de articulação tem início com a escolha do local, estudando-se as possibilidades legais, a infraestrutura e o acesso por transporte coletivo. O lugar deve medir entre 40 e 180 m², e a institui-

ção que o concede (subprefeitura, secretaria, fundação etc.) deve construir, reformar e manter as instalações durante a vigência do termo de cooperação com a Secretaria Municipal de Cultura – SMC, além de se responsabilizar pela gestão administrativa e do quadro de pessoal de acordo com concepções e critérios estabelecidos pela CSMB. Esta, por sua vez, é responsável pelo gerenciamento técnico do espaço, pela organização local, seleção, aquisição e composição do acervo, bem como por sua complementação contínua, pelas assinaturas de jornais e revistas e pela capacitação e supervisão dos funcionários indicados pelos parceiros para a operacionalização e o atendimento no mesmo horário das bibliotecas e, na maioria dos casos, também nos fins de semana.

O serviço atende a uma significativa parcela dos cidadãos que moram longe de bibliotecas públicas e que, por meio dos Pontos de Leitura, tem acesso a livros, quadrinhos, gibis, jornais e revistas, além de uma programação cultural com contação de histórias, mediação de leitura, encontro com escritores e música.

Os primeiros Pontos de Leitura começaram com dois mil livros (literatura infantil, juvenil, adulto e diversas áreas do conhecimento). Em 2012, já ultrapassaram quatro mil exemplares, além de títulos de jornais e revistas.

Diz Daniela Cristina Piologo, frequentadora do Ponto de Leitura Jardim Lapenna, no distrito de São Miguel Paulista, no extremo leste do município de São Paulo:

“ Eu comprava livros no sebo [...]. Depois da inauguração da Biblioteca [Ponto de Leitura], ficou muito mais fácil fazer as crianças lerem um pouco. Provavelmente elas estariam no PC o tempo todo [...]. Então, a biblioteca veio

em boa hora: ela é pequena no espaço e grandiosa no conteúdo. ”

Todos os serviços de extensão acompanham a mesma lógica: a de desenvolver acolhendo e viabilizando respostas à demanda pública, ampliando acesso e multiplicando os efeitos da leitura como uma importância cultural e de formação na vida dos cidadãos paulistanos.

São serviços que consolidam a democratização da leitura de forma direta, pois estão instalados onde a comunidade está. Entendemos que é necessário continuar criando alternativas originais para o fortalecimento de políticas culturais e de leitura. Nenhuma restrição pode ser impeditiva, mas deve ser vista apenas como mais uma especificidade de uma megalópole em pleno desenvolvimento humano e que carece de inovação e articulação entre o que já existe e o que se faz necessário.

BOSQUES DA LEITURA

O Bosque da Leitura é um espaço cultural localizado em parques da cidade que incentiva a leitura, facilita o acesso à informação e estimula a aprendizagem contínua dos cidadãos.

Inspirou-se no projeto Leitura no Parque. Criado em 1983 pela SMC em parceria com o Departamento de Áreas Verdes – Depave, da Secretaria do Verde e Meio Ambiente – SVMA, e patrocinado pela Hoechst, o projeto percorria roteiros pelos bairros nos dias de semana e cinco parques aos domingos, até 1987.

O Bosque da Leitura foi idealizado em 1992, no projeto Mais Ibirapuera prá Você, de revitalização do Parque do Ibirapuera, que incluía a área do Viveiro Manequinho Lopes, onde a prefeitura firmou uma parceria com a Fundação Roberto Marinho e o banco Real. A popula-

ção sugeriu a criação de um espaço de leitura, e, com o apoio da editora Abril, a SMC e a SVMA implantaram, em 12 de dezembro de 1992, o primeiro Bosque da Leitura, no Parque do Ibirapuera.

Em 1999, foi inaugurado o Bosque da Leitura do Parque do Piqueri, que, atendendo à reivindicação da população, foi transformado, em 2009, em Ponto de Leitura do Parque Piqueri, com atendimento diário.

Desde 2006, implantaram-se os seguintes Bosques de Leitura:

- março de 2006, no Parque do Carmo;
- setembro de 2006, no Parque da Luz;
- outubro de 2007, no Parque Anhanguera;
- dezembro de 2009, nos Parques Cidade de Toronto e Santo Dias;
- 2010, nos Parques Raposo Tavares e Lions Club Tucuruvi;
- 2011, nos Parques do Lajeado e do Trote, em parceria com a SVMA, e no Parque Esportivo dos Trabalhadores, em parceria com a Secretaria Municipal de Esportes – Seme;
- 2012, nos Parques Guarapiranga e Rodrigo de Gásperi.

FEIRAS DE TROCA DE LIVROS

Desde 2007 e em parceria com a

SVMA, a SMC desenvolve as Feiras de Troca de Livros, aos domingos, das 10h às 15h, em Parques Municipais da cidade.

Com a rápida adesão da população, o que inicialmente deveria ser um evento pontual tornou-se quase mensal, e tem sido assim desde então. De 2009 a 2012, foram realizadas 34 Feiras, com 46.745 trocas e 16.450 usuários.

A proposta é promover a leitura criando oportunidade para que o público atualize ou amplie sua biblioteca pessoal sem custos, trocando um título que já tenha lido por outro de seu interesse.

As trocas são feitas diretamente entre os usuários, que tem à sua disposição mesas separadas por assunto: literatura brasileira e estrangeira, dos clássicos aos contemporâneos (romance, poesia, conto, crônica e outros gêneros literários), literatura infantojuvenil, gibis e mangás. Exige-se apenas que os livros não sejam didáticos e estejam em bom estado. Para os gibis, não há restrição; aceitam-se exemplares de qualquer época. O acervo inicial disponibilizado para troca é composto por doações captadas na comunidade, em instituições e nas bibliotecas e repassadas à coordenação das Feiras pelas bibliotecas.

As Feiras são frequentadas por usuários de diferentes classes sociais e faixas etárias, promovendo a inclusão e o acesso democrático à leitura.

Programação cultural em bibliotecas públicas: estruturação, investimento e ampliação

Marlon Florian*

Relatamos aqui parte da experiência de reestruturação da programação cultural das bibliotecas de bairro paulistanas ocorrida com a criação da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas – CSMB. Em 2005, unificaram-se as Unidades infantojuvenis e públicas (para jovens, adultos e idosos) e, dois anos depois, todas as bibliotecas – então administradas pelas subprefeituras – voltaram para a Secretaria Municipal de Cultura – SMC.

Uma equipe enxuta, composta por três programadores, com um orçamento igualmente enxuto, implantou os primeiros programas e projetos nesse novo contexto organizacional. Para a implantação

das Bibliotecas Temáticas, vieram três novos profissionais. Na prática, as duas equipes trabalhavam com focos distintos no desenvolvimento das ações.

Na segunda gestão do secretário Carlos Augusto Calil e da coordenadora Maria Zenita Monteiro (2009-2012), essas equipes se integraram, com o objetivo comum de manter o projeto das Bibliotecas Temáticas, intensificar a programação cultural em toda a rede de bibliotecas e estender as atividades aos Pontos de Leitura e aos Bosques da Leitura, e, a partir de 2011, com o aumento da frota dos Ônibus-biblioteca, a todas as 72 localidades atendidas semanalmente.

* **Marlon Florian** é formado em Comunicação Social pela Unesp e pós-graduado em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pela ECA-USP. É diretor da Divisão de Programação Cultural da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas desde 2007. Integra desde 2011, também na Secretaria Municipal de Cultura, a Comissão Julgadora dos projetos inscritos no Programa de Valorização de Iniciativas Culturais – VAI.

PRIMEIRAS INICIATIVAS

Historicamente, uma das principais atividades desenvolvidas nas bibliotecas é a contação – ou narração – de histórias, por artistas contratados ou por profissionais da rede. Em 2005, criou-se o festival A Arte de Contar Histórias, que passou a ser realizado anualmente. Todo outubro, o festival concentra atividades, como uma maratona de apresentações em mais de 60 locais – incluindo contações com intérpretes de Libras –, minicurso, exposições e debates entre profissionais como, por exemplo, uma mesa-redonda sobre o ofício do contador em que se discutiram diferentes técnicas e linguagens e a visão de arte-educadores, atores e mestres da cultura popular.

Premiado na categoria Grande Contribuição, do 24º Troféu HQ Mix – 2011, o programa Fanzines nas Zonas de Sampa teve início em 2006. Consiste em oficinas de histórias em quadrinhos, com encontros semanais e duração de três meses. Atraente, a linguagem aproxima crianças, jovens e adolescentes da leitura. A oficina trabalha a clareza na elaboração do roteiro, o desenvolvimento e a articulação do texto escrito com o formato do desenho e a coerência da HQ. A partir das avaliações realizadas, foram desenhados novos módulos para atender às demandas constatadas: Avançado, Mangá, Caricatura e Xilogravura. As produções alimentam um *blog* e, ao final dos módulos, cada participante recebe cópias do fanzine de sua turma, que pode trocar com participantes de outras regiões, no encontro de encerramento. Já passaram pelo programa aproximadamente mil pessoas, e há as que se profissionalizaram e hoje atuam como quadrinistas.

Em 2007, a rede começou a promover palestras sobre as obras literárias exigidas pelos principais vestibulares. O formato foi aprimorado e, em parceria

com o Centro Cultural da Juventude, passou a se chamar A Hora e a Vez do Vestibular, tendo agora edições semestrais em todas as regiões da cidade. Em 2012, ministraram-se 216 palestras em 23 bibliotecas.

Bibliotecas Temáticas

Marca da primeira gestão Calil/Zenita (2005-2008), a implantação de Unidades especializadas foi um compromisso assumido publicamente. Existem diversas bibliotecas especializadas fora do âmbito das universidades ou da pesquisa acadêmica como a François Truffaut, de Cinema, em Paris. O modelo das Temáticas paulistanas é diferente. A biblioteca pública continua existindo e seu aspecto principal ainda é o acervo para empréstimo e consulta, jornais, quadrinhos, revistas etc., comum a toda a rede, mas cada unidade passa a oferecer uma coleção adicional sobre determinada área do conhecimento. Essa coleção é pensada para despertar e atender ao interesse de iniciantes, curiosos e diletantes, no espírito de uma biblioteca pública.

A tematização de uma biblioteca envolve um projeto artístico ou arquitetônico, com recursos como pintura, adesivagem e adequação de mobiliário. A de Contos de Fadas, por exemplo, ganhou estantes em formato de castelo; a de Literatura Fantástica, reproduções de gravuras, estantes e falsos pilares inclinados; na de Cinema, os usuários sentam-se em cadeiras típicas de *sets* de filmagem, em meio a refletores e pôsteres.

A escolha considerou fatores como a localização, a estrutura e a vocação da biblioteca: antes de ser Temática, a Belmonte²⁹ já sediava eventos de Cultura Popular; por mais de dez anos e em parceria com a comunidade, a Roberto Santos fazia o Cineclube Ipiranga, com projeções em 16mm; a de Meio Ambiente fica

praticamente dentro do Parque da Aclimação; a Mário Schenberg é próxima à Estação Ciência, da USP, que desenvolve projetos de divulgação científica mas não tem acervo.

Uma decisão fundamental no desenvolvimento de cada projeto é a escolha do curador, que seleciona o acervo inicial e cria o projeto conceitual que norteia as atividades da programação. Em alguns casos, o curador participa ativamente na elaboração e seleção dos programas e projetos a serem desenvolvidos – notadamente no período de implantação, nos primeiros meses de funcionamento. Alberto Ikeda, Ana Cecília Olmos, Frederico Barbosa, Luiz Carlos dos Santos, Marina de Mello e Souza e Walter Garcia foram alguns dos profissionais contratados para esse fim.

Em 2006, implantou-se a unidade de Poesia; em 2007, as de Cultura Popular, Música (Espaço Itamar Assumpção) e Contos de Fadas; em 2008, as de Cinema, Ciências e Literatura Fantástica; e, em 2009, a de Meio Ambiente. No fim de 2012, foram entregues as unidades de Cultura Negra, Literatura Policial e Arquitetura e Urbanismo. A programação cultural é intensa, e, além de atender ao entorno, todas as Temáticas implantadas têm atraído frequentadores de outros bairros e até de outras cidades.

O QUE PROGRAMAR?

Com a consolidação das primeiras iniciativas e das Bibliotecas Temáticas, a partir de 2009 a equipe de programação concentrou esforços em estender

as atividades a todas as unidades. Trata-se da rede de equipamentos culturais de maior capilaridade no município, e consideramos diversos para montar esse verdadeiro quebra-cabeça. Vejamos como.

Quanto à estrutura física, o ideal é que cada biblioteca tenha áreas de silêncio e áreas em que se pode fazer barulho, mas as estruturas da rede paulistana variam: há prédios de diversos andares, outros com auditório ou sala multiuso, alguns com pequenas salas e mesmo os que têm um espaço único. Por isso, antes de definir o local, é preciso considerar as necessidades técnicas de uma apresentação. Teatro e música, por exemplo, acontecem regularmente em Unidades mais estruturadas e só ocasionalmente em Unidades menores.

Também as demandas e as necessidades variam de acordo com o público, que é diferente em cada biblioteca. No entorno das Unidades, há comunidades de diversas origens, estratos sociais e identidades, grupos organizados, associações etc. As demandas chegam à equipe de programação principalmente pelos bibliotecários que coordenam a Unidade. Cabe aos programadores articular as atividades a serem contratadas com as que promovem os próprios funcionários e parceiros da Unidade de modo que a programação tenha sentido para a comunidade e, ainda, que esteja em consonância com as diretrizes da política cultural da CMSB e da SMC.

A maior preocupação da equipe é a com qualidade e a pertinência da programação oferecida. Como bem sintetizou o músico e ex-ministro da Cultura Gilberto

²⁹ Antes do projeto das Temáticas, as bibliotecas Belmonte e Hans Christian Andersen eram consideradas referências em Cultura Popular e Contos de Fadas, respectivamente.



Gil em sua canção “Rep”, “o povo sabe o que quer, mas o povo também quer o que não sabe”. Entre as demandas que vão sendo percebidas e as orientações a ser seguidas, há um exercício de ensaio e erro e constantes avaliações até se compor uma grade à qual a população adira. É preciso estar atento aos números, para atender cada vez mais gente, mas, se as ações forem guiadas por esse fim, corre-se o risco de oferecer sempre a mesma coisa ou só o que se destaca na mídia, ou seja, sem efeito transformador na vida das pessoas, sem acrescentar nada e nem concorrer para o desenvolvimento de espírito crítico.

Entendemos que a nossa missão é, primeiramente, promover o acesso à leitura e à literatura, mas sem perder de vista que a nossa rede integra uma rede maior, da qual fazem parte os teatros distritais, o Theatro Municipal, a Biblioteca Mário de Andrade (que é um departamento autônomo), os centros culturais e suas bibliotecas, cinemas e casas históricas. Em muitos lugares, a biblioteca, o Ponto de Leitura ou o Ônibus-biblioteca é o único equipamento cultural acessível. Por isso, as Unidades oferecem uma programação ampla. Em todos os programas e projetos, procuramos selecionar atividades relacionadas à literatura, mas isso não é um pré-requisito. A programação não pode ser entendida como, no dizer de uma profissional da rede, “uma isca para que se retirem livros na estante” – ela em si deve formar público. Igualmente, embora essenciais, a dita “alta literatura” e a literatura clássica não são referências obrigatórias para a seleção de atividades. A programação contempla diferentes gêneros: quadrinhos, literatura periférica e literatura contemporânea etc. Cabe ressaltar que há públicos sem interesse específico em literatura e muitas vezes não leitor que têm parte de suas necessidades culturais atendida na biblioteca do seu bairro.

Cultura *versus* educação: a política cultural definida pela gestão é clara: as bibliotecas são equipamentos culturais que existem para garantir o direito à literatura e o direito à cultura. Um grande desafio que se apresenta atualmente às bibliotecas é efetivamente fortalecerem-se como equipamentos culturais locais, de referência, e como pontos de encontro. Historicamente, as bibliotecas – principalmente as infantojuvenis – praticamente só atendiam à demanda das escolas, sobretudo de pesquisa. Hoje, com o advento da *internet* e o fortalecimento das Salas de Leitura na rede de ensino, essa demanda é menos relevante. Embora as escolas, associações e ONGs sigam sendo os nossos principais parceiros e um público importante a atender, procuramos atrair o público espontâneo, não previamente agendado, residente no entorno para que ele descubra e use todos os serviços disponíveis e participe das atividades. Um programa que tem dado resultados animadores é o circuito de teatro infantil, realizado quinzenalmente entre março e meados de dezembro, sobretudo em fins de semana. Equipes das Unidades visitam escolas e divulgam as atividades no caderno em que os alunos levam recados aos pais. Muitas famílias passaram a frequentar as apresentações como opção de cultura e lazer e, depois, a usufruir de serviços como o empréstimo de livros.

Assistindo às apresentações artísticas, debates, oficinas e palestras, o usuário aumenta seu repertório cultural e informativo, alarga horizontes, conhece novas linguagens, enriquecendo suas possibilidades de leitura e expressão, e desenvolve muitas outras potencialidades. Diferentemente da educação escolar, os esforços da cultura visam criar espaços de descoberta, diálogo e aprendizado livre, e também de fruição, complementando o ensino formal – e essa é a marca que

vimos procurando imprimir nas oficinas e cursos. Quanto às apresentações artísticas, evitamos as de cunho essencialmente educativo, preferindo as que instiguem a visão crítica. Assim, na composição das políticas públicas municipais, a oferta da rede se torna um componente indispensável na formação de cidadãos e no fortalecimento da cidadania.

Os esforços empreendidos pela CSMB em programação, renovação de acervo, treinamento de funcionários, implantação de filмотecas, reformas, troca de mobiliário e projetos de ambientação, buscando criar ambientes menos austeros e mais acolhedores, fazem parte de uma estratégia para transformar as bibliotecas para que a população delas se aproprie. De modo geral, a expectativa em relação aos serviços públicos é baixa. Um exemplo curioso foi a reação de alguns moradores do bairro do Ipiranga, que resolveram protestar quando se desenvolvia o projeto de tematização, dos arquitetos Paulo Barbosa e Márcia Rossi, na Biblioteca Roberto Santos. Vendo o novo mobiliário, as novas cores e um ambiente descontraído, entenderam que o prédio havia sido vendido e que a biblioteca seria desativada.

O diálogo e a colaboração constantes com a equipe responsável pela aquisição de títulos e composição de acervos também é um fator essencial para a programação. As oficinas FanZines nas Zonas de Sampa são acompanhadas da constante atualização dos títulos de HQ. Pode parecer simples receber um escritor, um ilustrador ou um quadrinista para um bate-papo na biblioteca e oferecer ao público vários títulos e exemplares de seus livros,

mas requer planejamento antecipado e apoio logístico, em grande parte, devido à burocracia.

Na administração pública – modelo em que se quadram a CSMB e sua equipe de programação –, toda contratação está sujeita a uma série de leis, portarias e outras normas, numa tramitação com diversas etapas e, por isso, lenta. Esse é um fator limitante. Para contratar uma simples palestra, por exemplo, é preciso montar um processo administrativo que chega a ter mais de 100 páginas e pode demorar até 40 dias para ser concluído. A tarefa cabe em parte aos programadores e, para suportar o aumento das atividades, a Divisão Administrativa criou um núcleo exclusivo para dar maior agilidade aos contratos da programação cultural. Assim, embora haja diversas atividades “únicas”, compor programas e projetos viáveis exige selecionar atrações que possam circular pela rede. As atividades burocráticas e o número de funcionários são fatores que definem a necessidade de a equipe de programação atuar de forma centralizada e estabelecer estratégias de comunicação com as Unidades.

INTEGRAÇÃO E AMPLIAÇÃO

Para conjugar o aumento das atividades contratadas e sua adequação às demandas e necessidades específicas de cada região e considerando que é impossível manter uma interlocução direta e contínua com todas as Unidades – hoje, as atividades contratadas chegam a mais de cem pontos da cidade³⁰ –, criaram-se ferramentas e se estabeleceu um regime mais

intenso de parceria e corresponsabilidade.

No início de cada ano, há uma reunião com os coordenadores das Unidades, que depois preenchem um formulário *on-line* para aderir a programas e projetos predefinidos pela equipe de programação indicando datas, horários, público prioritário e outros dados que embasam a seleção feita por essa equipe. A seleção e as contratações respeitam a viabilidade e a disponibilidade orçamentária. Comumente, a interlocução é com a coordenação dos serviços de extensão, da BIJ³¹ Monteiro Lobato, das Bibliotecas Temáticas e, principalmente, com as coordenadoras regionais (Norte, Sul, Oeste, Leste 1 e Leste 2) que, por sua vez, conversam com as unidades de suas regiões.

Mensalmente, a equipe colhe informações sobre as programações locais, as reúne com as das programações contratadas e devolve às coordenações para checagem. Depois, se fazem revisões e ajustes, e as atividades do mês são divulgadas. As bibliotecas recebem os contatos dos artistas, oficinairos e demais contratados para combinar detalhes e sanar eventuais dúvidas.

Depois da atividade, a coordenação de cada Unidade preenche o relatório de avaliação, também *on-line*, com dados quantitativos e qualitativos (opiniões de usuários e profissionais), para que a equipe de programação possa acompanhar o desenvolvimento e aprimorar os projetos. Os programadores também acompanham diretamente parte das atividades.

Estabelecido esse novo fluxo, reduziu-se a necessidade de contatos com cada Unidade, foi possível aumentar con-

sideravelmente o número de atividades e a responsabilidade pelos eventos passou a ser compartilhada. Ele também gerou maior envolvimento e compromisso dos profissionais das Unidades com a programação contratada a partir da central.

OS PROGRAMAS E PROJETOS

A antecedência do planejamento também permitiu realizar projetos sazonais e transversais – como, em 2012, o mês Jorge Amado, o especial Quixotes, o Agosto Caipira (em sua terceira edição) e o 8º festival A Arte de Contar Histórias –, por contratações previstas para os programas continuados. Por exemplo: ao compor a grade de teatro e música para o ano, os programadores puderam pesquisar adaptações do Quixote e de obras de Jorge Amado e contrataram-nas para os meses em que se realizariam os respectivos projetos.

A nova organização passou a considerar programas as próprias Temáticas, pois atividades que são prioritariamente realizadas em uma Unidade especializada também interessam às demais: a programação de cada Biblioteca Temática pode ser irradiada para a rede, pois cada tema enseja atividades em várias linguagens artísticas, oficinas e palestras, de forma orgânica e complementar. Histórias de Malba Tahan abordam ciências. Um mesmo espetáculo pode unir cultura popular, poesia, narrativa fantástica, música e teatro. Em outras palavras, a estruturação de programas e projetos com que trabalhamos agora tem sentido para a organização interna da CSMB. Seguem comentários sobre os principais programas dos últimos anos.

³⁰ A equipe de programação contrata atividades para 53 bibliotecas, 12 Ônibus-biblioteca (em 72 roteiros), 15 Pontos de Leitura e 13 Bosques da Leitura.

³¹ Por ser uma biblioteca de referência, a Monteiro Lobato é a única que manteve a denominação “infantojuvenil”.



Sarau Elo da Corrente na BP Brito Broca. Fotos: Divino Silva



Público em palestra de André Vianco na BP Viriato Corrêa; participantes de curso na BP Hans Christian Andersen.



Mesa-redonda "Pontes Quixotescas" com Rubia Prates Goldoni, Sérgio Molina, Manuel da Costa Pinto, Ricardo Lísias e Carlos Carega. Fotos: Regina Azevedo.



O Escritor na Biblioteca: um dos programas historicamente mais caros às bibliotecas, promove o encontro de escritores de livros infantojuvenis e adultos, ilustradores e quadrinistas com o público. Os convidados falam sobre sua obra e seu ofício, seus autores preferidos e seu contato com o mundo dos livros. Participaram nos últimos anos nomes como Alberto Martins, Alice Ruiz, André Vianco, Daniel Munduruku, Eva Furnari, Fernando Bonassi, Heloisa Prieto, Katia Canton, Laudo Ferreira, Lenice Gomes, Marcia Tiburi, Mario Prata, Menalton Braff, Moacyr Scliar, Olívio Jekupé, Regina Drummond, Ricardo Azevedo, Ricardo Lísias, Ruth Guimarães, Sacolinha, Sérgio Vaz, Xico Sá, os gêmeos Gabriel Bá e Fábio Moon e o moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa.

Teatro: o foco principal é o circuito de teatro infantojuvenil em oito unidades, com sessões quinzenais em fins de semana. Procuramos diversificar as linguagens, apresentando teatro de sombras e de animação. Entre os grupos que já participaram, estão PiA FraUs, As Graças, Luzes e Lendas, Circo de Bonecos, Truks, Cia. Quase Cinema, Grupo 59 e Núcleo Trecos e Cacarecos. Nesse circuito, há também shows musicais para o público infantil como Tempo de Brincar, Canto Livro (com Natan Marques, Jean e Joana Garfunkel) e projetos como o Ópera Fantástica, que alterna narração de histórias e interpretação de trechos com cantores líricos e um pianista, criado pela escritora Rosana Rios especialmente para as bibliotecas. Há ainda teatro de rua e adaptação de obras literárias nas Unidades onde acontecem as palestras A Hora e a Vez do Vestibular, as esporádicas para crianças, como BuZum (ônibus-teatro da Cia. PiA FraUs) e para adultos, como Doido, com Elias Andreato, que percorreu onze bibliotecas em 2011. Na BIJ Monteiro Lobato, a Cia. Truks desenvolve um trabalho composto por apre-

sentação de grupos convidados, alguns deles do exterior, debates e formação, em projeto financiado pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro.

Cursos, oficinas e palestras: além dos já citados A Hora e a Vez do Vestibular e Fanzines nas Zonas de Sampa, a CSMB oferece oficinas de escrita criativa e leitura atenta sobre gêneros literários, xilogravura, nova ortografia, língua portuguesa, xadrez, confecção de livros, grafite, hip hop, encadernação, clown, origami, instrumentos (como violão, bateria para deficientes e flautas andinas) etc., bem como debates sobre literatura e atualidades.

Cinema: quatro unidades oferecem essa programação, sendo que dois auditórios foram equipados com projeção eletrônica de alta qualidade e som 5.1, figurando no circuito de salas da cidade. Há mostras periódicas de produções inspiradas em obras literárias e HQ e mostras específicas de gêneros e diretores – com filmes selecionados, e não obras completas – e mostras com temas que dão a ver a pluralidade da produção cinematográfica: filmes de vários países, épocas, gêneros e diretores, com diferentes abordagens e que integram o circuito comercial, de arte ou alternativo. A programação é complementada com sessões comentadas por profissionais da área e teóricos como a diretora Sandra Werneck, o roteirista Leandro Saraiva e o pesquisador Ismail Xavier, e cursos de desenvolvimento de roteiro cinematográfico de ficção e de documentário, de história e cultura cinematográfica – como Cinema Mudo e Desenvolva seu Olhar, ministrados pelo jornalista Celso Sabadin. Exemplos de mostras realizadas: Atenção: Mulher na Direção, com filmes dirigidos por mulheres; Sessão Cabeça x Sessão Pipoca, que buscou discutir e desconstruir rótulos; Grandes Musicais; A luta Continua, sobre cinema político; Grandes Roteiros; Sem Medo do Cinema Brasileiro;

Spaghetti Zombies; Ficção Científica; e O Fantástico Woody Allen, com exibição de filmes do cineasta marcados por elementos da narrativa fantástica, um curso com a crítica Neusa Barbosa, uma sessão comentada pela cineasta Lina Chamie e um show de jazz elaborado a partir das trilhas de seus filmes.

Poesia: promovem-se oficinas de escrita e interpretação, saraus, shows e apresentações literomusicais, com músicos, letristas e poetas. Já se apresentaram no programa Francis Hime e Geraldo Carneiro, Zeca Baleiro e Celso Borges, Antonio Nóbrega, Zé Miguel Wisnik, Alzira Espíndola, Ademir Assunção, Lirinha, o músico e vencedor do prêmio Jabuti Reynaldo Bessa. Houve ainda shows com Z'África Brasil, Mário Bortolotto e a banda Saco de Ratos e Dois em Pessoa, com poemas de Fernando Pessoa musicados pelos mineiros Renato Motha e Patricia Lobato. Uma parceria realizada há cinco anos na Temática de Poesia são as atividades em um dos dias da Balada Literária, importante evento da cidade organizado pelo escritor Marcelino Freire e em que já houve shows ou conversas com Jorge Mautner, Walter Franco, Fabiana Cozza, Paulo César Pinheiro e o poeta concreto Augusto de Campos, entre outros.

Literatura fantástica: entre os programas desenvolvidos nessa Biblioteca Temática, que tem uma sala de projeção, destacam-se as mostras de cinema fantástico e as adaptações de literatura fantástica para a tela. A Unidade promove também duas programações em parceria – que já aconteciam em outros locais e encontraram na Temática sua sede ideal: o festival Cinefantasy e o Fantasticon, simpósio literário não acadêmico organizado pelo editor Silvio Alexandre que reúne escritores, críticos, editores e fã-clubes para discutir a produção desse gênero e suas vertentes. Entre outros, já participaram Nel-

son de Oliveira, Braulio Tavares, Manuel da Costa Pinto, Martha Argel, o escritor de novelas Tiago Santiago e o mexicano Miguel Ángel Fernandez, escritor e especialista em ficção científica latino-americana.

A programação sempre procura proporcionar descobertas levando leitores a ampliar seu repertório. A peça Memória do mundo, roteirizada a partir de textos de Jorge Luis Borges, foi programada para alguns dias depois de um evento sobre Vampiros. Atraiu parte desse público e pessoas com vasta gama de interesses e interpretações, resultando num debate surpreendente. Um encontro com a escritora Rosana Rios expôs aos fãs da saga Harry Potter a intensa pesquisa empreendida por J. K. Rowling, autora dos romances, cujos personagens fazem parte de uma longa tradição literária. Eles são comentados, inclusive, na compilação realizada por Borges em seu Livro dos seres imaginários (a primeira edição, dos anos 1950, chamava-se Manual de zoologia fantástica). A comparação de obras e linguagens é outro exemplo de programação que estimula a visão crítica. Num evento infantil, Alice Bandini contou a crianças e pais a versão clássica de “Branca de Neve” e depois foi exibida a versão cinematográfica dos estúdios Disney. Ao final, espontaneamente, travou-se uma empolgante conversa sobre as diferenças entre as versões e sua repercussão no imaginário das crianças e também sobre as características e a importância dos contos de fadas.

Contos de fadas: originada em contos e fábulas da tradição oral com que se transmitiam ensinamentos e preservavam a cultura e a identidade de diversos povos, a literatura dos contos de fadas é central na programação da CSMB. Como já desenvolvia um projeto na área, a Hans Christian Andersen foi escolhida para ser uma Biblioteca Temática. Naturalmente,

acabou sendo o lugar onde a CSMB desenvolve o Curso Básico de Formação de Contadores de Histórias – o mais procurado entre os oferecidos na rede e que já formou profissionais que hoje atuam na área –, com edições coordenadas por profissionais do porte de Kelly Orasi, Simone Grande, Ana Luisa Lacombe, Giba Pedroza e Liliane Araújo. Ali também há mini-cursos e palestras ministradas por especialistas como Ilan Brenman, Regina Machado e Nelly Novaes Coelho.

Música: nos últimos anos, quatro bibliotecas tiveram programação regular de shows musicais e cerca de vinte Unidades tiveram apresentações esporádicas, sobretudo em projetos especiais como o Agosto Caipira. Passaram por esse circuito Dori Caymmi, Bukassa Kabengele, banda Preto Soul, Beatriz Azevedo, Oswaldo e Marisa Viana, entre outros. Na Biblioteca Temática Cassiano Ricardo, que mantém cópias de fonogramas históricos da Discoteca Oneyda Alvarenga, do Centro Cultural São Paulo, são realizados shows, encontros, debates, oficinas e *workshops* para músicos iniciantes ou experientes e para interessados.

Participaram dessa programação nomes como Azymuth, Eduardo Gudin, Edy Star, Germano Mathias, Heraldo do Monte, Hyldon, Isca de Polícia, Kid Vinil, Livio Tragtenberg, Luis Vagner, Luiz Tatit, Manito, Mauricio Pereira, Olmir Stocker Alemão, Os 3 Moraes, Osvaldinho da Cuíca, Paulo Vanzolini, Pedro Alexandre Sanches, Pena Schmidt, Ravel (da dupla Dom & Ravel), Solano Ribeiro, The Jordans, Trio Mocotó, Tutti Frutti e Zoombeatles. Destacamos dois projetos especiais: um *workshop* de teclados analógicos em que o músico e produtor gaúcho Astronauta Pinguim falou sobre esses instrumentos, seu uso e funcionamento, e o público – composto de músicos e de leigos – participou de um improviso usando instrumentos

originais dos anos 1960 e 70, e a leitura cênica-musical “A música na obra de Ignácio de Loyola Brandão”, em que músicos e atores – Carlos Careqa, Sílvia Handroo e Ricardo Breim – apresentaram esquetes criadas a partir de citações musicais de obras de Loyola selecionadas por Evaldo Piccino. Ao final de cada bloco, tão surpreso quanto o público por ter assistido à apresentação em primeira mão, o escritor falava livremente sobre sua obra.

Ciências: o foco da programação é a divulgação científica, e há na Temática exposições, palestras informativas, oficinas e shows de ciências para crianças, como os desenvolvidos pelo grupo Mad Science. Esses shows também percorrem o roteiro de teatro infantil. Já na Temática em Meio Ambiente, os focos são divulgação científica, conscientização ambiental, informação e discussão sobre temas como preservação, legislação ambiental e sustentabilidade. A programação integra debates, palestras, oficinas e apresentações artísticas com temática ambiental.

Cultura Popular: a Biblioteca Belmonte há muitos anos demonstra vocação para a chamada cultura popular, promovendo o Sarau Sertanejo e sendo ponto de encontro de cordelistas, repentistas e músicos, em diálogo permanente com a comunidade de migrantes nordestinos. Com a tematização, o recorte foi ampliado, e a programação contempla cursos, palestras de formação e atualização e atividades continuadas no ateliê de xilogravura. Houve encontros com Tião Rocha, premiado educador popular do Vale do Jequitinhonha, e com José Nicolau Gregorin Filho, especialista em narrativas infantis e mitos populares; a exposição Visagens, Visões Comuns, Visões Sublimas, em que o artista plástico Ernesto Bonato – que também assinou o projeto de ambientação da Temática – retratou no entorno da Unidade figuras de homens e mulheres comuns,



Forças Amadas no Ônibus-Biblioteca. Foto: Fernando de Aratanha

depositários e vivificadores da cultura brasileira; teatro de Mamulengo; show com o músico Pena Branca; apresentações e conversas com grupos de *break*, samba, jongueiros, congado mineiro e bumba-meu-boi; batuque-de-umbigada e cururu do interior paulista; apresentação, exposição de fotos e desenhos dos índios das aldeias Guarani Mbya. A Temática foi reconhecida em 2007 com o Prêmio Culturas Populares, da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura.

Em 2009, realizou-se a exposição Xilogravura – Diálogos entre Técnicas e Gerações, composta por trabalhos selecionados dentre os desenvolvidos nas oficinas de xilogravura e HQ em xilogravura. Os novos autores, que descobriram novas formas de se expressar artisticamente, eram quase todos moradores da periferia da região Sul, tinham entre 8 e 72 anos e, ao lado do escritor convidado Cesar Obeid, participaram de uma vernissage na biblioteca de poesia Alceu Amoroso Lima, em Pinheiros, no circuito das galerias de arte paulistanas.

Um evento inovador para a rede foi a Fantástica Jornada Noite Adentro, formatada a partir da iniciativa da coordenação e da disponibilidade dos funcionários da Biblioteca Viriato Corrêa. O evento começa às 22h, geralmente com um esquete teatral ou uma performance seguida de uma mesa-redonda sobre o tema da noite. À meia-noite, começam sessões de filmes no auditório e um jogo de RPG *live-action* no andar térreo – coordenado pelo grupo Confraria das Ideias. Às 6h, oferece-se um café da manhã aos participantes. O público médio é de mais cem pessoas, e já houve dez edições, com temas como Edgar Allan Poe, Vampiros, Steampunk, Detetives, Bruxas, Zumbis e Horror, esse com bate-papo e performance de José Mojica Marins (o Zé do Caixão) e sua filha Liz Marins (Liz Vamp).

Crianças também viram noite nas bibliotecas Monteiro Lobato (Uma noite na biblioteca) e Hans Christian Andersen (Acampadentro), ações em parceria com o Projeto de Iniciação Artística (PIÁ). Originado da Escola Municipal de Iniciação Artística – EMIA – e aplicado em seis bibliotecas, o projeto PIÁ é financiado pela CMSB e realizado pelo Departamento de Projeto Expansão Cultural (DEC), da SMC.

Os programas de leitura são fundamentais para a rede. Leitura em voz alta e rodas de leitura são atividades relevantes oferecidas nas Unidades e conduzidas por funcionários. A partir de 2012, elas foram estendidas a públicos de todas as idades, incluindo um projeto de leitura para bebês, a partir de treinamentos em mediação de leitura literária, discussões e trocas de experiências que contaminaram toda a rede. A contação de histórias promove a tradição oral e a literária e dialoga com diversas linguagens artísticas. Funcionários de grande parte das bibliotecas da rede promovem essa ação. A contratação de outros profissionais se concentra em seis bibliotecas de bairro de pequeno porte para apresentações em fins de semana, nos moldes do circuito de teatro, e também na Hans Christian Andersen e nos Pontos de Leitura. Essa programação é regular e intensificada no Festival.

Outra atividade de destaque a cargo de cada biblioteca são os saraus, de que o público também participa, e de vários modos. Fortalecendo essa prática e reconhecendo e valorizando a produção da periferia que vem se destacando na cidade, a equipe de programação iniciou em 2011 o projeto Literatura Periférica: Veia e Ventania nas Bibliotecas de São Paulo. Convidaram-se coletivos de jovens que fazem saraus em bares e espaços culturais das periferias, e o formato e as estratégias de divulgação foram caso a caso

elaborados em conjunto por contratados e funcionários. Na medida do possível, esses coletivos atuam em Unidades da região em que vivem e atuam. Estiveram na edição 2012 os saraus da Arte Maloqueira, do Binho, da Brasa, da Cooperifa, Elo da Corrente, Encontro de Utopias, Marginaliaria, dos Mesquiteiros, Poesia Maloqueirista e da Vila Fundão.

Com as pessoas em círculo, os integrantes dos coletivos se apresentam e convidam os presentes a participar. Na profusão de performances em diferentes linguagens artísticas, observa-se o envolvimento da comunidade – cordelistas, músicos, escritores, apreciadores – e também a articulação entre as políticas públicas conduzidas pela SMC: a maior parte dos jovens dos coletivos já teve projetos aprovados pelo programa Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), que financia atividades artístico-culturais – principalmente de jovens de baixa renda e da periferia – e diversos participantes do programa Vocacional ensaiam apresentações especialmente para o Sarau. Realizado pelo DEC numa rede de equipamentos públicos que incluem diversas bibliotecas, o Vocacional é oferecido em modalidades como música, teatro, artes visuais e dança. Diferentemente de uma oficina tradicional, o artista-orientador desenvolve *ad hoc* o conteúdo e as ações, a partir da demanda do grupo que se forma.

A valorização e o compromisso com a cultura da periferia também se concretizam em ações como o Mês da Cultura Independente, iniciativa interdepartamental da SMC, a participação da CSMB na rede que organiza a mostra e o seminário Estéticas das Periferias, articuladas pela ONG Ação Educativa, o projeto Quilombo de Solano e o Seminário de Literatura Divergente, além dos programas e projetos regulares.

Artes na rua: a programação tam-

bém contempla linguagens como dança e circo, e a seleção dá preferência a atividades intertextuais e com artes integradas. No caso dos Bosques de Leitura e dos Ônibus-biblioteca, cujos roteiros têm mensalmente atividades contratadas pela equipe de programação cultural, entre os principais critérios estão a diversidade de linguagens artísticas, a configuração dos espaços e as limitações técnicas, pois as apresentações ocorrem em lugares abertos. A resposta da equipe de programação a esse desafio foi o programa Artes na Rua, que, desde maio de 2011, apresentou cortejos, intervenções, saraus, dança, *clowns*, contação, música, teatro e repente com grupos como Realeajo Poético, Outro, Outra Cia. de Dança, Passarim, Literatura Andante, Núcleo Pé de Zamba, Sansakroma, Carpe Diem e Forças Amadas.

A equipe de programação contribuiu ainda com a realização dos Encontros Internacionais do Sistema Municipal de Bibliotecas, com os temas “desafios e proposta de atuação” em 2008, e “ações de leitura, bibliotecas e comunidades” em 2010. Nos dois eventos, ambos em parceria com o Centro Cultural da Espanha em São Paulo – Aecid, funcionários da CSMB e da SMC participaram de mesas ao lado de convidados da capital e do interior paulista, do governo federal, do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro, de Roraima, da Espanha, da Colômbia e da França. Nos debates – sobre políticas públicas em leitura, acervos, juventude, inclusão e acessibilidade –, expuseram-se práticas bem-sucedidas, entre as quais as ações da Coordenadoria e da Secretaria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda há muito a fazer, mas, apesar de dificuldades, contratemos e algumas frustrações, é inegável que se cumpriu o objetivo de oferecer programação

cultural de qualidade nas bibliotecas públicas paulistanas em todas as Unidades do município. A programação continuada, diversificada e gratuita concorre para a revitalização das bibliotecas e garante ao cidadão paulistano o direito à cultura, reitereando seu papel de ponto de encontro e de espaço de fruição, produção, criação e diálogo.

Atualmente, são realizadas aproximadamente 400 atividades mensais, entre março e meados de dezembro. O orçamento anual saltou de menos de 200 mil reais, em 2005, para mais de 2 milhões, nos últimos anos. Em áreas como contação de histórias, a CSMB é uma referência nacional. Houve aumento da oferta, demandas foram atendidas e criadas e, só em 2011, as atividades culturais da rede tiveram mais de 130 mil participações.

A despeito de não haver verba para publicidade em meios de comunicação, a divulgação – uma fragilidade da rede – se intensificou com a revista *Em Cartaz*, da SMC, com a criação de uma *newsletter* semanal oferecida aos usuários e com a agenda de bolso³² das bibliotecas, editada pela Divisão de Programação desde novembro de 2010, com tiragem de 35.000 exemplares e grande aceitação dos usuários. No entanto, sem dúvida, a ação mais efetiva nesse sentido é o trabalho de divulgação de cada Unidade em seu entorno.

Um indício do fortalecimento institucional das bibliotecas com sua programação é o aumento das propostas de escritores, artistas e outros profissionais que nos sugerem atividades ou procuram Unidades da rede para desenvolver projetos

aprovados em leis de incentivo e programas de fomento – casos das exposições *Mitos – Metamorfoses* na Biblioteca e *As janelas de Rilke*. Nos Editais de Chamamento para *Contadores de Histórias* e para *Oficineiros* realizados pela Coordenadoria em 2011, foram cadastradas 1.228 propostas. E o principal é que a população é cada vez mais ativa, participando, sugerindo, pressionando e exigindo.

Diversas medidas institucionais procuraram garantir a continuidade e o crescimento dos programas e projetos. Entre elas, o aumento do número de profissionais, sobretudo de carreira, na equipe de programação cultural, que, na estrutura administrativa de setor ligado à Divisão de Planejamento, passou a funcionar como divisão autônoma. Houve também a criação de rubricas específicas para a programação, ou seja, dentro do orçamento definido pela Prefeitura de São Paulo para a CSMB, separa-se anualmente um montante para ser investido exclusivamente na contratação de atividades artístico-culturais.

Os profissionais da equipe de programação cultural têm formações diversas – biblioteconomia, comunicação, sociologia, gestão cultural, artes cênicas, cinema, serviço social, literatura e arte-educação –, com experiências anteriores nas esferas pública e privada e no terceiro setor –, o que sem dúvida concorreu para que a programação se tornasse mais diversificada e abrangente. Hoje, ela é composta por oito profissionais e dois estagiários. Entre 2007 e 2012, integraram-na Alice Bandini, Barbara Bischoff, Célio

Franceschet, Daniel Ifanger, Doroty Rojas, Emilia Vicente, Evaldo Piccino, Katianna Silva e Silva, Marisabel Lessi de Mello, Mônica da Silva Peres, Melina Isabel Campanini, Pepe Andrade, Rosa Falzoni, Rosangela Rottter, Renata Silva, Valdirene Gomes e os estagiários Aline Liber, Ester Minga, Fernanda Verzinhasi, Fernanda

Santos, Katy Illy, Juscelino Reis, Sylvia Milan, Tamara Alves e Thamires Freitas.

Esse trabalho só é realizado graças ao suporte e ao apoio das equipes lideradas pelos coordenadores e diretores da CSMB e, sobretudo, graças ao compromisso dos profissionais das Unidades que atendem aos cidadãos.

³² As agendas de bolso das bibliotecas estão disponíveis em http://www.issuu.com/bibliotecas_sampa.

Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas

MARIA ZENITA MONTEIRO

Divisão Administrativa e de Pessoal

NILSON LAUDEMIR FONTANA ALVES

Divisão de Desenvolvimento de Coleções e Tratamento da Informação

DENISE MANCERA SALGADO

Divisão de Planejamento

ANICE CRUZ SALLES ARCOS

Divisão de Programação Cultural

MARLON ROSSITI FLORIAN

Coordenação de Informática

ARLETE MARTINS BENATTI

Supervisão de Bibliotecas e Coordenação Norte

DEISE MARIA TEBALDI PEDRO

Coordenação Sul

ELZA MARIA DE NÓBREGA V. DIEGUES

Coordenação Leste I

MEIRE ROSE STANKEVICIUS BASSI

Coordenação Leste II

ELISA KIYOKO FURUICHI ISHII

Coordenação Oeste

ÂNGELA MARIA ARANTES FIGUEIREDO

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato

SUELI NEMEN ROCHA

Coordenação Bosques da Leitura

ANA LUCIA DE SOUZA TADEI

Coordenação Pontos de Leitura

ADELINA DE JESUS VIOTTO BORGES

Coordenação Ônibus-Biblioteca

JOÃO BATISTA DE ASSIS NETO

Agradecimentos

ANA LUIZA SAAD PEREIRA | HELENA MEIDANI | SILVIA AMANCIO DE OLIVEIRA

RAQUEL DA SILVA OLIVEIRA

Projeto Gráfico e Diagramação

PEPE ANDRADE

Impressão e acabamento | RGB Mídia e Gráfica

Capa | cartão triplex

Miolo | papel couchê, 120g

Tiragem | 5.000

COORDENADORIA DO SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS

Rua Catão, 611 | Lapa | São Paulo | SP | 05049-000

Telefone: 11 3675-7916

bcsp@prefeitura.sp.gov.br

www.bibliotecas.sp.gov.br